



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**“Mexeu com o viado errado”:** a mudança no projeto  
de dizer de uma conversa para uma denúncia em  
sites de redes sociais

Mestranda: Camila Franz Marquez

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Giacomelli

Pelotas, 2022

**CAMILA FRANZ MARQUEZ**

**“Mexeu com o viado errado”: a mudança no projeto de dizer de uma conversa para uma denúncia em sites de redes sociais**

Texto para a defesa da Dissertação de Mestrado a ser avaliado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Giacomelli  
Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

Pelotas  
2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

M357I Marquez, Camila Franz

“Mexeu com o viado errado” : a mudança no projeto de dizer de uma conversa para uma denúncia em sites de redes sociais / Camila Franz Marquez ; Karina Giacomelli, orientadora. — Pelotas, 2022.

72 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Análise dialógica do discurso. 2. Homossexualidade.  
3. Mídia digital. I. Giacomelli, Karina, orient. II. Título.

CDD : 306.76

Elaborada por Aline Herbrith Batista CRB: 10/1737

**Camila Franz Marquez**

**“Mexeu com o viado errado”: a mudança no projeto de dizer de uma conversa para uma denúncia em sites de redes sociais.**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 31 de janeiro de 2022

Banca examinadora:



---

Profa. Dra. Karina Giacomelli  
Orientadora/Presidente da banca  
Universidade Federal de Pelotas



---

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral  
Membro da Banca  
Universidade Federal de Rio Grande



---

Profa. Dra. Ida Maria Marins  
Membra da Banca

## **AGRADECIMENTOS**

Diante das dificuldades e adversidades durante o período do mestrado quero agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização dessa dissertação, em especial minha esposa Bruna que durante esse período esteve presente, instigando e corroborando para reflexões importantes quando eu me encontrava desmotivada e limitada no estudo.

Além disso, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e de Nível Superior (CAPES) pelo fomento à pesquisa nesses dois anos.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Giacomelli por orientar e guiar da melhor forma possível a pesquisa acadêmica.

Aos professores Dr. Adail Sobral e Dr<sup>a</sup> Ida Maria Marins por aceitarem fazerem parte da banca e colaborarem na construção desse trabalho.

## RESUMO

MARQUEZ, Camila F. “**Mexeu com o viado errado**” a mudança no projeto de dizer de uma conversa para uma denúncia em sites de redes sociais. 2022. 69f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

No presente trabalho, nosso propósito foi de examinar o projeto enunciativo dos *printscreens* do diálogo de *WhatsApp* entre psicóloga e paciente e como isso se transforma em denúncia sobre o tratamento de reversão da homossexualidade no *Facebook*. Em 2019, o rapaz foi levado pelos pais a uma consulta psicológica e teve como proposta de tratamento a reversão da homossexualidade, algum tempo depois a psicóloga entrou em contato com o paciente, via aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, para saber se o paciente gostaria de dar continuidade ao tratamento psicológico e teve como resposta uma explicação do motivo pelo qual o jovem não deu continuidade, a discordância da cura gay como tratamento. Na plataforma *Facebook*, os *printscreens* do diálogo transformaram-se em publicação, a autora relatou a experiência do amigo gay que foi levado pelos pais católicos em consulta psicológica e teve como proposta de tratamento a cura gay. Nos interessou analisar os *printscreens* do diálogo de *WhatsApp* e da publicação no *Facebook* a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos apresentados pelo Círculo de Bakhtin. Nossas análises foram desenvolvidas com base na metodologia proposta por Sobral (2009) em conversa com Brait, e constitui-se na descrição, análise e interpretação do objeto analisado.

**Palavras-Chave:** Análise Dialógica do Discurso; Homossexualidade; Mídia Digital;

## **ABSTRACT**

In the present work, our purpose was to examine the enunciative project of the printscreens of the WhatsApp dialogue between psychologist and patient and how this turns into a complaint about the treatment of reversal of homosexuality on Facebook. In 2019, the boy was taken by his parents to a psychological consultation and had as a treatment proposal the reversal of homosexuality, some time later the psychologist contacted the patient, via the instant messaging application WhatsApp, to find out if the patient would like to give continued psychological treatment and had an explanation as to why the young man did not continue, his disagreement with the gay cure as a treatment. On the Facebook platform, the printscreens of the dialogue were transformed into a publication, the author reported the experience of a gay friend who was taken by Catholic parents for a psychological consultation and had a gay cure as a treatment proposal. We were interested in analyzing the screenshots of the WhatsApp dialogue and the publication on Facebook from the theoretical and methodological assumptions presented by the Bakhtin Circle. Our analyzes were developed based on the methodology proposed by Sobral (2009) in conversation with Brait, and consists of the description, analysis and interpretation of the analyzed object.

**Keywords:** Dialogic Discourse Analysis; Homosexuality; Digital media;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Homossexualidade, não homossexualismo”

Figura 2: “Nascemos assim”

Figura 3: “Referências comprovadas”

Figura 4: “Ideia muito genuína”

Figura 5: “Eu não me vendo”

Figura 6: “Não tenho preço, tenho valor”

Figura 7: “Você merecia a sarjeta”

Figura 8: “Rebelde sem causa”

Figura 9: “Muito mente fechada”

Figura 10: “Você mexeu com o viado errado”

Figura 11: Publicação no Facebook

Figura 12: “Tudo isso”

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD: Análise Dialógica do Discurso

CFP: Conselho Federal de Psicologia

CID: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

CRM: Conselho Regional de Medicina

CRP: Conselho Regional de Psicologia

IBDFAM: Instituto Brasileiro de Direito de Família

LDRV: Lana Del Rey Vevo

LGBTQ+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers e outras identidades

OMS: Organização Mundial da Saúde

PL: Projeto Legislativo

## Sumário

<b>1. “VEM CONTAR ESSA HISTÓRIA TRISTE”: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. UMA INTRODUÇÃO AO CÍRCULO</b>	<b>20</b>
<b>2.1 O ESTUDO DO GÊNERO DISCURSIVO</b>	<b>22</b>
<b>2.2 ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA X ORAÇÃO COMO UNIDADE DA LÍNGUA</b>	<b>26</b>
<b>2.3 DIÁLOGO, ENUNCIADO E SUAS PECULIARIDADES</b>	<b>29</b>
<b>2.4 ACENTO VALORATIVO E IDEOLOGIA</b>	<b>33</b>
<b>2.5 DISCURSO ALHEIO E IDEOLOGIA</b>	<b>39</b>
<b>3. METODOLOGIA - DESCRIÇÃO-ANÁLISE-INTERPRETAÇÃO</b>	<b>44</b>
<b>3.1 CONTEXTUALIZANDO AS REDES</b>	<b>46</b>
<b>3.2 DESCRIÇÃO DO DIÁLOGO</b>	<b>47</b>
<b>3.3 ANÁLISE 1: O DIÁLOGO DO WHATSAPP</b>	<b>49</b>
<b>3.4 DESCRIÇÃO DA PUBLICAÇÃO</b>	<b>58</b>
<b>3.5 ANÁLISE 2: PUBLICAÇÃO NO FACEBOOK</b>	<b>60</b>
<b>3.6. INTERPRETAÇÃO ANÁLISES 1 E 2</b>	<b>61</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>68</b>

## 1. “VEM CONTAR ESSA HISTÓRIA TRISTE”: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Somente há trinta anos a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de tratar a homossexualidade como doença. No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina (CRM) retirou a homossexualidade da lista de transtornos psicológicos, sendo que, em 1990, houve a sua retirada da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID).

O CID é uma ferramenta reguladora dos profissionais da saúde para diagnosticar e monitorar a incidência de doenças e outros problemas de saúde da população a nível mundial. A própria substituição da palavra homossexualismo por homossexualidade mostra o avanço da luta LGBTQ+<sup>1</sup> e sua influência nas questões de saúde, uma vez que a primeira palavra indicaria, no sufixo -ismo a noção de doença, isto é, a mudança de sufixo demonstra o sentido histórico por trás da palavra.

Neste sentido, cabe buscar explicação morfológica para o uso do sufixo -ismo na palavra homossexualismo. De acordo com o dicionário Houaiss (2001) o sufixo -ismo foi primeiro usado em medicina para designar uma intoxicação, como alcoolismo, ergotismo, eterismo e etc. Sendo por meados dos séculos XIX e XX que seu uso foi disseminado para nomear movimentos sociais, ideológicos e políticos.

Vale ressaltar que o sufixo -ismo foi incorporado do grego ao latim e depois à língua portuguesa, Gianastácio (2011) entende que sua inclusão se deu através da religião, como “cristianismo” ou “judaísmo”. Conforme Sandmann (1989, p. 42) são significados diversos como “doutrinas e teorias filosóficas e religiosas, políticas, orientações políticas, sociais e artísticas, maneiras de comportamento etc.”. O -ismo também pode ser usado como doutrina ou pelo aspecto depreciativo.

Ao mudar o sufixo ocorre uma mudança na significação da palavra, visto que trata-se de um elemento que opera de forma a valorizar as funções funcionais e semânticas da palavra que deriva, por isso a mesma palavra pode

---

<sup>1</sup> Inicialmente conhecida por GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes) a sigla foi sendo alterada ao longo da história a fim de abarcar toda a comunidade, atualmente é LGBTQIA+, representando Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexuais, Agêneros e Assexuados acompanhado do + que indica outras identidades.

variar conforme o sufixo que for utilizado, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), o sufixo -dade é um formador de substantivos abstratos derivados de adjetivos, como feliz torna-se felicidade.

A palavra homossexual foi cunhada pelo médico húngaro Karl Maria Kertbeny, em carta a Ulrichs, com data de 6 de maio de 1868, na qual ele defendeu a revogação de leis anti-sodomas<sup>2</sup> e utilizou quatro novos termos: “heterossexual”, “monossexual”, “heterogénit” e “homossexual”, para definir tais comportamentos (VIEIRA, 2009).

A partir disso, o termo proposto pelo médico húngaro foi levado para outras áreas, como a psiquiatria, a psicanalítica e a jurídica, sendo o termo heterossexual marcado por atribuições superiores por se tratar de algo que vai de acordo com a natureza, a procriação (VIEIRA, 2009).

É nessa perspectiva que vemos a importância do sufixo -dade na palavra homossexualidade, trata-se de um sufixo que traz conotação a palavra do que ela realmente é, uma condição, uma característica do ser e não algo pejorativo ou patológico como indica o sufixo -ismo.

De acordo com Vilela (1994) a formação do léxico da palavra representa a realidade extralinguística de uma comunidade linguística, para termos alteração no sufixo da palavra foram necessárias revoluções culturais e sociais provenientes durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que colocou a prova o sistema religioso católico, influenciou no desenvolvimento dos meios de comunicação e mostrou os novos avanços científicos nas áreas de medicina, física e química. Esses movimentos instigaram a reflexão acerca dos questionamentos éticos e existenciais postulados pela Igreja, que baseava-se no regime repressivo em repúdio as sexualidades e igualdade de gênero (CAHILL, 1999).

A forma bárbara como a sociedade se encontrava alavancou revoluções comportamentais de jovens que passavam a reivindicar questões ligadas aos costumes éticos e morais, e que por sua vez encontraram no Estado e na Igreja resistência e a tentativa de manter a tradição na regulação do comportamento sexual das pessoas. Entretanto, para Silveira e Bazzo (2006)

---

<sup>2</sup> “Segundo a tradição cristã, sodomitas seriam os praticantes de atos sexuais contra a natureza humana. Todo e qualquer ato sexual que não tivesse como fim a procriação era tido por sodomia, sendo um pecado frente a Deus” (PRETES; VIANNA; p. 317, 2008).

“o desenvolvimento científico é concebido como um processo regulado por rígido código de racionalidade autônomo em relação a condicionantes externos, tais como: sociais, políticos e psicológicos” servindo como alavanca para o progresso e bem-estar da sociedade. Com a chegada da pílula anticoncepcional nos anos de 1960, as relações sexuais foram modificadas, isto é, não há pressuposição de procriação e, portanto, contesta as práticas sexuais pregadas pelo discurso religioso, como veremos a seguir.

Pouco a pouco, os conceitos religiosos-cristãos deixaram de atender aos questionamentos da sociedade, sendo notável a presença de homens e mulheres homossexuais assumidos em espaços comunitários. Logo a Igreja viu-se na obrigação de debater o assunto, visto que seus documentos oficiais ensinavam fundamentos de ética e moral sexual com base em doutrinas dos séculos XV ou XVI e que não sofreram nenhuma alteração com o passar do tempo (RODRIGUES, 2018).

Diante de tais inquietações, o papa João XXIII, convocou a formação do Concílio Ecumênico do Vaticano II e realizou uma série de encontros no período de 1962 e 1965 com bispos do mundo inteiro para repensar uma doutrina a partir da nova formação de sociedade. Tais encontros resultaram nas Cartas Encíclicas *Humanae Vitae* (1968) e *Persona Humana* (1975), que abordaram questões como a transmissão da vida e a relação do amor conjugal, mas condenando a anticoncepção, como a esterilização e o aborto.

Outro fato a ser destacado é a reafirmação de nascimentos no casamento, ou seja, o reconhecimento apenas dos nascidos que são provenientes da condição de marido e mulher. E de acordo com a segunda carta expedida, *Persona Humana* (1975), a homossexualidade foi considerada uma ameaça, uma “corrupção dos costumes” e por isso deveria ser estudada cuidadosamente, visto que a sexualidade é o que atribui propriedades biológicas, psicológicas e espirituais, atributos de inserção e maturação do sujeito na sociedade. Ainda, no item 8 da carta *Persona Humana*, há a declaração de que a homossexualidade é um “ato desordenado”, visto que não há procriação.

Observa-se também no item 8 a diferenciação de “inclinação homossexual” ou “ser homossexual”, sendo o primeiro um comportamento, uma tendência devido a uma “educação falseada” ou “maus exemplos”, e o

segundo, “homossexuais que são definitivamente por força ou instinto patológico considerado incurável”.

Sendo assim, há três itens que compõem a tríade de valores cristãos: a lei natural entre homem e mulher, a procriação e a inseparabilidade do casamento. Esses três elementos constituem os valores da sociedade cristã até os dias atuais, sendo fomentado o amor conjugal heterossexual monogâmico, a castidade àqueles que buscam atos anticonceptivos ou aos que mantêm práticas homoafetivas.

Essa visão de mundo está entranhada na estrutura da sociedade atual, já que atualmente cerca de 80 países ainda criminalizam o sexo consensual homossexual e pode ser explicitado ou mesmo ser depreendida nos diversos discursos que circulam nos veículos de comunicação. No contexto brasileiro há diversas ações de políticos que fazem parte das bancadas religiosas no Congresso Nacional e que buscam a rejeição da homossexualidade (MESQUITA; PERUCCHI, 2016).

Freud (1905) ao elucidar questões acerca da sexualidade, deixou claro que tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade são desejos pulsionais, por isso a homossexualidade não deve ser tratada como doença

Com o máximo de decisão, que se destaquem os homossexuais, colocando-os como um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais [...]. Ao contrário, a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente de seu sexo – que recai igualmente em objetos femininos e masculinos –, tal como ocorre na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história, é a base original da qual, como consequência da restrição num ou noutro sentido, se desenvolvem tanto os tipo normais quanto os invertidos (FREUD, 1905, p.146).

Para Freud (1920, p. 211) não cabe à psicanálise “solucionar o problema do homossexualismo”, entretanto, ainda nos dias de hoje existem homossexuais que ao procurarem atendimento psicológico pelos mais diversos motivos pessoais, ainda precisam lidar com a indicação de um tratamento que procura justamente propor a cura da homossexualidade. É sobre um caso dessa natureza que incide este trabalho.

Este estudo foi constituído de um corpus formado por *printscreens* de

um diálogo de *WhatsApp* e de uma postagem feita em grupo privado do site de rede social *Facebook*. Conforme descrição, o grupo LDRV, sigla para Lana Del Rey Vevo, conta com mais de 438 mil membros e foi criado em 2017 com enfoque no público LGBTQ+, a fim de ser uma “válvula de escape” para tormentos cotidianos com publicações de humor, descontraídas e discussões saudáveis. A página do grupo conta com divisões, cada uma com o propósito de indicar regras, avisos dos moderadores e o que pode ou não ser postado. Trata-se de unidades informativas para novos integrantes. Além disso, há ainda uma comunidade chamada “Reclama LDRV”, criada para “serviço de atendimento ao membro”, ou seja, sanar dúvidas em relação ao grupo.

Uma publicação feita no grupo em janeiro de 2020, rendeu 10 mil reações e cerca de 9 mil comentários e teve repercussão que se estendeu para além do grupo privado. Trata-se de uma postagem em que a autora relata a experiência do amigo gay que foi a uma consulta psicológica com uma profissional que ainda trata práticas homoeróticas como patologia e busca tratar indivíduos homossexuais a fim de “livrá-los da doença”, uma prática que, juntamente com outras de outras esferas, como de certas igrejas, é conhecida como cura gay. Para comprovar o relato, a autora da postagem adicionou doze *printscreens* da conversa na plataforma de mensagens instantâneas *WhatsApp* entre o paciente e a psicóloga. Com a repercussão da publicação, a autora foi editando-a, a fim de manter os integrantes do grupo atualizados sobre o caso, em um total de cinco “edites”.

Inicialmente a autora faz o seguinte questionamento “*Vocês já foram numa psicóloga que é a favor da cura gay? Meu amigo, infelizmente foi levado pelos pais católicos que não aceitam até hoje sua homossexualidade e teve que passar por tudo isso*” acrescentado das doze mídias.

Em reportagem acerca do caso, veiculada pelo canal de notícias BHAZ<sup>3</sup>, o paciente Vinicius relata como foi a consulta psicológica e divulga as 12 mídias da conversa no *Whatsapp* com a psicóloga, tornando o caso público. Além disso o entrevistador Vitor Fernandes trouxe o parecer da psicóloga Dalcira Ferrão, que é conselheira federal de psicologia, juntamente com a nota

---

<sup>3</sup> Link da reportagem, acesso em 2 de Outubro de 2020 < [https://bhaz.com.br/2020/01/14/psicologa-cura-gay/?fbclid=IwAR0J48rbQykyzMQw4Ddt5-Ys6quNKNiV9qYgGBI1kKUI37pL5z9LK\\_ySgpE](https://bhaz.com.br/2020/01/14/psicologa-cura-gay/?fbclid=IwAR0J48rbQykyzMQw4Ddt5-Ys6quNKNiV9qYgGBI1kKUI37pL5z9LK_ySgpE)>

emitida pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) a qual afirma que o órgão repudia toda e qualquer prática de disseminação de discursos pejorativos que fomentam o preconceito na sociedade.

Segundo a Constituição Federal, artigo 49, inciso V, é o Conselho Federal de Psicologia (CFP) que estabelece as normas de atuação dos profissionais da psicologia. Na Resolução CFP Nº 1, de 22 de Março de 1999, são regidas as normas para os psicólogos em relação à orientação sexual, sendo que, no Artigo 3º, consta a proibição de que qualquer psicólogo exerça tratamentos que favoreçam a patologização da homoafetividade, restringindo toda e qualquer colaboração para tais serviços, seja não se pronunciando a favor em meios públicos ou participando de eventos que proponham uma cura à homossexualidade.

Entretanto, no Brasil, em 2016, houve um projeto legislativo (PL nº 539), protocolado pelo Pastor Eurico que sugere justamente a alteração da Constituição Federal para modificar a Resolução nº 1 do CFP, na intenção de modificar o artigo 3º da Resolução, que, como vimos no parágrafo anterior, define a proibição de tratamentos para reversão da homossexualidade. Conforme as palavras de seu autor, essa PL visava “estabelecer e conservar a competência do Congresso Nacional”<sup>4</sup>, a fim de evitar que os poderes sejam usurpados por normas e atividades que não sejam típicas. Além disso, outro argumento utilizado pelo pastor para tal PL é de que tais leis ferem o princípio de dignidade humana, pois restringem a liberdade do profissional de exercer a sua profissão, o que contraria o artigo 5º, inciso IX, da Constituição Federal que prevê a liberdade de expressão científica.

Essa proposição é uma tentativa de que a competência legislativa, ou seja, o Congresso Nacional, seja o grande regulador, não podendo ser atribuído ao CFP uma resolução regulatória sem que haja uma lei elaborada pelo Congresso Nacional.

O despacho do projeto foi encaminhado às comissões de Direitos humanos e minorias, Seguridade social e família e Constituição e justiça e de Cidadania, tendo o Congresso Nacional vetado a continuidade do projeto por,

---

<sup>4</sup> Link da PL (nº539) disponível em [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=ADAB4EDAA5A51733CD57572374A17561.proposicoesWeb2?codteor=1501093&filename=Avulso+-PDC+539/2016](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=ADAB4EDAA5A51733CD57572374A17561.proposicoesWeb2?codteor=1501093&filename=Avulso+-PDC+539/2016). Acesso em 14/01/2022.

conforme o artigo 49, inciso V, “sustar os atos normativos do Poder Executivo que exorbitem do poder regulamentar ou dos limites de delegação legislativa”, sendo seguida a Resolução nº 01, de 22 de março de 1999 de que é o Conselho Federal de Psicologia que estabelece as normas de atuação dos profissionais psicólogos em relação à pacientes homossexuais.

Ainda assim, em 2017, um grupo de psicólogos solicitou uma liminar que foi concedida pelo Juiz Waldemar de Carvalho, para permitir a psicólogos fazerem trabalho de “orientação sexual”. Entretanto, em 2020, a segunda turma do Supremo Tribunal Federal manteve a decisão da Ministra Carmem Lucia de que o Conselho Federal de Psicologia continue impedindo que psicólogos ofereçam tratamento de reversão da homossexualidade, ou como é conhecido da cura gay. Apesar disso, ainda é possível encontrar psicólogos que, contrariando a OMS e o CFP, propõem a cura gay, como se pode ver na publicação feita por uma membra do grupo LDRV e pela reportagem feita pelo site de notícias BHAZ.

A partir dos *printscreens* do diálogo de *Whatsapp* entre psicóloga e paciente e da publicação feita no *Facebook*, este trabalho objetiva examinar o diálogo entre psicóloga e paciente e como isso se transforma em objeto de denúncia sobre o tratamento de reversão da homossexualidade. Os objetivos específicos são analisar a publicação em grupo privado no *Facebook* e a conversa de *WhatsApp*, observar o embate entre os projetos enunciativos e identificar o confronto de valores.

Para sustentação do trabalho usaremos a análise dialógica do discurso (ADD), a qual nos dará as bases para entender as relações dialógicas estabelecidas entre paciente e psicóloga, examinando como uma conversa é trazida como um discurso outro, discurso que dá validade à uma denúncia. Para análise do objeto de pesquisa os principais conceitos norteadores serão acento valorativo, gênero, intenção discursiva, diálogo, e a recuperação do contexto sócio-histórico de atividade concreta.

Como já citado, embora haja uma lei contrária à cura gay como ideia de tratamento psicológico, ainda há profissionais que aplicam ou tentam aplicar esse método. Para além disso, o atual governo de Jair Bolsonaro reforça veementemente práticas homofóbicas, através de discursos de ódio e disseminação de fake news contra o público LGBTQ+.

Há 28 anos como figura pública, exercendo cargos parlamentares no estado do Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro ganhou destaque justamente pelos discursos conservadores, homofóbicos e racistas. São diversos os vídeos que circulam na internet a respeito do presidente se posicionando contra os homossexuais. O site *Catraca Livre*<sup>5</sup> reuniu em reportagem três desses vídeos em que o presidente se declara contra o público LGBTQ+.

Em 2013, ainda deputado federal, Bolsonaro afirmou que se declarava homofóbico para defender a família e para que as portas da pedofilia não fossem abertas nas escolas, concluindo da seguinte forma: *“E eu tenho imunidade pra falar que sou homofóbico, sim, com muito orgulho se é pra defender as crianças nas escolas”*. Em 2018, ano em que foi eleito presidente, ele disseminou a mentira de que o seu adversário na corrida presidencial Fernando Haddad, do Partido do Trabalhadores, quando ainda Ministro da Educação, distribuía o kit gay<sup>6</sup> nas escolas públicas, através do projeto Escola Sem Homofobia. Um dos materiais do “kit gay” ao qual Jair Bolsonaro se refere é um livro chamado *Aparelho Sexual e Cia*, do autor Phillipe Chappuis.

Essa obra, porém, nunca fez parte do projeto. Essa foi uma das maiores *fake news* disseminadas pelos apoiadores de Bolsonaro, durante o período eleitoral. Assim, este é um momento sócio-histórico em que a cura gay encontra respaldo em posições do presidente da República e de seus eleitores/apoiadores. Desse modo, os profissionais da área da Psicologia que se aliam a essa visão de mundo sentem-se livres para aplicar essa “terapia”, mesmo com leis contrárias.

À luz dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, o discurso organiza uma corrente de enunciados flexíveis e valorados conforme o sujeito que o está enunciando. Para Bakhtin (2017, p. 37) “o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela”, por isso o discurso reflete e refrata uma visão de mundo que se materializa nas formas de composição de enunciados. Enquanto ocupa a posição de Presidente da República, Jair Bolsonaro através de seus discursos públicos e declaradamente homofóbicos, o presidente legitima a violência contra

---

<sup>5</sup> Disponível em <<https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>> Acesso em 17 de julho de 2020.

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=T6qqj2ovxzM>> Acesso em 17 de Julho de 2020.

homossexuais e ainda corrobora para agressões verbais ou mesmo que se tenha atitudes que por muitas vezes, ultrapassam a barreira do verbal e se tornam agressão física.

De acordo com Barros (2016, p. 11) o discurso político é formado por três elementos principais, sendo esses: 1. Ser um discurso de poder, o sujeito é modalizado pelo poder, é um discurso de busca do poder como valor, conservação, reconhecimento e reforço; 2. Ser um discurso do saber, ou seja, é confiável, a persuasão do sujeito político frente aos saberes e necessidades da sociedade e 3. Ser um discurso que joga com a interação das posições entre enunciador e enunciatário, que ocupam lugares narrativos diferentes do poder e do saber.

Volóchinov (2017) nos clarifica que a apreensão do mundo é sempre situada historicamente porque o sujeito está sempre em relação ao outro, que vai constituindo-se discursivamente, apreendendo vozes sociais que constituem a realidade. A realidade é heterogênea e por isso o sujeito absorve várias vozes sociais que estão em relações diversas, o que consequentemente torna o sujeito dialógico, por isso o discurso é refletido e refratado de acordo com a posição do sujeito que enuncia.

Pensando justamente no embate entre diferentes valorações acerca da homossexualidade é que vemos a importância desse trabalho, visto que em 2017, o Brasil foi o país que mais assassinou homossexuais no mundo.<sup>7</sup>

No próximo capítulo iremos introduzir o Círculo de Bakhtin e delimitar os conceitos teóricos que serão utilizados para o desenvolvimento deste trabalho.

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>. Acesso em 17 de julho de 2020.

## 2. UMA INTRODUÇÃO AO CÍRCULO DE BAKHTIN

O Círculo de Bakhtin foi um grupo que iniciou seus encontros em meados de 1890 e que manteve reuniões regulares de 1919 a 1929 na Rússia, sendo composto por pessoas de diferentes áreas do conhecimento; o Círculo interage, então, com diversos campos, como a filosofia, psicologia, ciências sociais, linguística, literatura, educação, entre outros saberes (FARACO, 2009). Os integrantes mais conhecidos são Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medvedev.

Visto a amplitude da obra do Círculo e o contexto que foi formado o grupo, há uma confusão acerca da autoria das obras, porque o contexto sócio-histórico de produção dos textos deu-se na época da Guerra Civil Russa que perseguiu e martirizou aqueles que não compactuavam com o modelo de governo imposto, sendo que estudiosos de cunho marxista foram duramente perseguidos por seus opositores militares. É nesse contexto de intolerância que o Círculo precisou de esconder os reais autores de suas produções, a fim de confundir a autoria dos textos, evitando maiores retaliações. Portanto, as questões de autoria são importantes, visto que somente trinta anos após a guerra, que os trabalhos de Bakhtin voltaram a ser publicados na Rússia (FARACO, 2009).

Há, portanto, ausência de clareza acerca da autoria de alguns textos, especialmente dos livros *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, *Freudismo e O Método Formal nos Estudos Literários*. O primeiro, por exemplo, embora tenha sido publicado no Brasil em nome de Bakhtin, em 1979, foi novamente publicado, mas dessa vez sob a autoria de Volóchinov, em 2017. Apesar dos percalços acerca da autoria, o importante é salientar a pluralidade de tal obra que é tão rica (FARACO, 2009). Diante disso, tem sido feito um resgate acerca da autoria dos textos visto a importância do estilo de cada um, como destaca Grillo (2018), considerando a importância dos conceitos que formam o método sociológico e metalinguístico, já que apreendem a diversidade linguística e ideológica das obras do Círculo.

Nas palavras de Brait (2018), o que diferencia o Círculo, radicalmente

bakhtiniano, dos demais círculos de estudos linguísticos<sup>8</sup> é o empenho dos estudiosos em ressaltar a origem filosófica, ética e estética que constitui a gênese do pensamento bakhtiniano como um todo, o que integra o âmago da teoria dialógica do discurso, ultrapassando os limites da Linguística, visto que seu objeto principal de pesquisa está justamente no extralinguístico, ou seja, as relações dialógicas.

O conceito de linguagem presente na teoria dialógica ultrapassa o saber linguístico e funda uma construção de língua que perpassa uma visão de mundo. De acordo com Brait (2015), há uma preocupação no que tange à dimensão histórico-ideológica e à constituição sógnica das ideologias, portanto há uma insistência na discussão de natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra.

Como a língua é concreta e viva, e não um objeto recortado e fechado da linguística, são os fatores externos a esses recortes que interessam. Bakhtin (1997, p. 181) pondera que “são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins”. Por isso, aparecem como fenômenos do discurso, que é multifacetado e que pode ser estudado por diferentes ângulos e perspectivas, complementando e não segmentando. A linguagem é constituída pela comunicação dialógica, considerada assim o verdadeiro campo da vida na linguagem. Não importa se linguagem cotidiana ou científica, a linguagem só se torna viva pela possibilidade de uso.

Brait (2015) sugere que o Círculo de Bakhtin trouxe uma nova perspectiva aos estudos da linguagem, mas tal olhar é advindo da tradição de estudos clássicos, com influências saussurianas e estilísticas, ainda que a teoria dialógica possibilitasse olhar a linguagem de uma nova perspectiva, abandonando o pensamento abstrato e mecanicista de língua e incorporando novas possibilidades para estudá-la, como a história, a cultura e o social, o que torna a língua ativa e viva. Essa nova perspectiva de entender a língua possibilita aos estudos da linguagem “como uma forma de conhecer o ser

---

<sup>8</sup> Como por exemplo o Círculo de Praga que a partir das contribuições saussurianas teve como foco o funcionalismo e estruturalismo diacrônico para desempenhar a forma linguística na construção de enunciados, que Roman Jakobson (integrante da Escola de Praga) chegou às três funções de linguagem: emissor, canal e receptor. Essas funções revelam a investigação linguística das relações internas dos atos de fala (CYRANKA, 2014).

humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens” (BRAIT, 2018, p. 23).

## **2.1 O ESTUDO DO GÊNERO DISCURSIVO**

Os estudos de gênero do discurso que foram pesquisados e teorizados pelo Círculo de Bakhtin apresentam uma perspectiva dialógica diante das formas de uso da linguagem humana, o que corresponde ao caráter multiforme das esferas de atividade humana. O uso da língua acontece em forma de enunciados (concretos e únicos) por um sujeito que está em determinado campo de atividade humana (BAKHTIN, 2016).

Para a análise dialógica do discurso, esses enunciados refletem as condições e finalidades de acordo com a esfera de circulação e se organizam em função disso. Assim, junto ao conteúdo temático e o estilo, há a construção composicional constituindo a tríade do conjunto do enunciado. É claro que cada enunciado é único e particular, porém são os campos de utilização da língua que formulam o enunciado. Em outras palavras, “os gêneros podem ser considerados modos sociais (e, portanto, histórico, culturais, valorativos e ideológicos) de apreender e compreender uma conceituação típica de mundo” (PEREIRA, 2013, p. 496).

Diante disso, é importante ressaltar a diversidade dos gêneros do discurso, considerada pelo Círculo infinita e inesgotável, já que as atividades humanas são infinitas, e cada esfera elabora seus gêneros do discurso, que se ampliam conforme o uso, ganhando complexidade à medida que se desenvolvem (BAKHTIN, 2016).

É importante dizer que os gêneros do discurso também estão presentes nas “breves réplicas do diálogo”, como pondera o autor (BAKHTIN, 2016, p.12). Diante disso, a diversidade de modalidades do diálogo cotidiano é imensurável em função dos elementos que o constituem, tema, situação e composição dos sujeitos. A heterogeneidade dos gêneros é tanta que é preciso ter cuidado para não torná-los algo abstrato e vazio. Devido a isso é que se dá a dificuldade de definir a natureza geral do enunciado.

Da antiguidade aos dias de hoje, os gêneros discursivos foram estudados sob a ótica literária, deixando de lado os enunciados e seus tipos.

Os estudos de gênero retóricos abriram as portas para uma maior atenção à natureza verbal da linguagem, possibilitando especial atenção para o enunciado.

É importante atentar as diferenças entre os gêneros do discurso. Bakhtin (2016, p. 15) nomeia essas diferenças como gêneros primários (simples) e secundários (complexos) embora não se trate de uma diferença funcional, por vezes os gêneros secundários podem assumir a forma dos primários, devido a elaboração do enunciado que depende das condições da comunicação discursiva.

Bakhtin denomina complexo os gêneros secundários porque se trata de gêneros que surgem em condições culturais mais complexas, como romances, dramas, pesquisa científica, gêneros publicísticos, dentre outros. De uma forma geral, por se tratar de algo desenvolvido e organizado, o que predomina é a escrita nesses gêneros (BAKHTIN, 2016).

O processo de incorporar a forma secundária à primária acontece por uma necessidade das condições da comunicação discursiva imediata. Os gêneros primários, ao integrarem os complexos, se transformaram, isto é, “perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (BAKHTIN, 2016, p. 15). Por isso, é essencial descobrir a natureza do enunciado analisando ambos os gêneros. É necessário abranger as facetas dos enunciados, aderindo à sua natureza complexa. Como os gêneros são carregados ideologicamente é de suma importância a análise da natureza do eixo valorativo que integra os enunciados, “não é seu texto em si que muda embora isso também aconteça. Em geral, a espécie de texto pode permanecer a mesma e o gênero mudar” (SOBRAL; GIACOMELLI. 2016, p. 1085). Sendo assim, é o contexto em si que traz os sentidos, trazendo o tema e seu propósito por meio do enunciado.

A formação histórica e a relação mútua entre os gêneros primários e os secundários revelam a natureza do enunciado e a complexa relação entre linguagem e ideologia, linguagem e visão de mundo. Para a compreensão efetiva dos gêneros do discurso, é necessário ressaltar a importância histórica e social da linguagem, através dos conceitos de significação e tema podemos ter um olhar voltado para o enunciado concreto (BAKHTIN, 2016).

Estudar a natureza do enunciado e a diversidade de formas de gêneros

nos diversos campos de atividade humana enriquece os estudos linguísticos porque, ao investigar um corpus linguístico, obrigatoriamente se considera o enunciado concreto, que circula em diferentes esferas de atividade humana de forma escrita ou oral, em gêneros como tratados, cartas oficiais ou comuns etc. (BAKHTIN, 2016).

Ao desconhecer a natureza do enunciado e tratar com indiferença as diversidades dos gêneros do discurso, a análise se centrará em formalismo e abstração, o que debilita a relação da língua com a vida. Bakhtin (2016) salienta que se não há uma análise adequada da natureza do enunciado independente dos gêneros do discurso, perde-se elementos fundamentais para a investigação.

Desse modo, a língua integra a vida, realizando os enunciados concretos e vice-versa. Por isso, o enunciado é um problema essencial, o que coloca alguns problemas para a linguística.

Inicialmente destaca-se a estilística, pois o estilo está inseparavelmente ligado ao enunciado, e suas formas típicas, independente do enunciado ser primário ou secundário, oral ou escrito e circular em qualquer esfera da comunicação discursiva, são individuais, refletindo a individualidade do falante.

Mas, nem todos os gêneros permitem esse reflexo da individualidade; os mais flexíveis ao aparecimento do estilo individual são os de literatura e ficção, que são a própria composição de seus objetivos, isto é, diferentes gêneros são diferentes possibilidades para expressar a individualidade pela linguagem. Já os gêneros que menos apresentam essa flexibilidade de caráter individual são aqueles que apresentam uma forma padronizada como receitas, documentos oficiais, ordens militares etc. Somente aspectos superficiais da individualidade se sobressaem.

Para Bakhtin (2016, p. 17), a grande maioria dos gêneros do discurso não leva em consideração o estilo individual do enunciado, mesmo sendo elemento complementar. A relação existente entre estilo e gênero se revela também na questão dos estilos de linguagem ou funcionais, que são na verdade estilos de gênero de determinadas esferas da atividade e comunicação humana.

Em cada esfera são usados gêneros que correspondem às condições específicas, sendo esses gêneros que se relacionam a determinado estilo. Os

gêneros são elaborados a partir da sua função científica, técnica, oficial, cotidiana etc., o que determina seus estilo, tema e forma composicional, que são relativamente estáveis. Por isso, o estilo pode ser indissociável de alguns temas e unidades composicionais, sendo diversos os aspectos que os constituem, como tipos de construção, tipos de acabamento, tipos de relação do falante com os outros membros da situação de comunicação discursiva. Desse modo, “o estilo integra a unidade de gêneros do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2016, p. 18).

As mudanças históricas dos estilos estão diretamente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. A linguagem literária, por exemplo, está em mudança constante, pois é um sistema complexo de estilos da linguagem. Para compreensão dessa forma dinâmica, é necessário entender o completo sistema de estilos que apresentam e refletem o modo imediato e preciso das mudanças que ocorrem na vida social. Bakhtin (2016) acrescenta ainda que nenhum fenômeno fonético, lexical, gramatical pode integrar o sistema língua sem ter sido pesquisado na complexa elaboração dos estilos de gênero.

Ao recorrermos as camadas não literárias, estamos recorrendo aos gêneros que se realizam em outras camadas, trata-se de diferentes gêneros de conversação e diálogo, possibilitando a dialogização dos gêneros primários e secundários, enfraquecendo o caráter monológico e dando a ideia de que o ouvinte também faz parte nas formas de conclusão do conjunto, por isso “onde há estilo há gênero” (BAKHTIN, 2016, p. 21).

Ao haver a mudança de um estilo de gênero para outro está sendo modificado não só o estilo, mas também recriando e renovando o próprio gênero, porque a escolha de uma forma gramatical é um ato estilístico (BRAIT, 2015).

Por isso, o estudo centrado na natureza do enunciado e dos gêneros do discurso é essencial para o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva.

Brait (2015) entende que o empenho na busca de compreensão das formas de sentido no enunciado levou o pensamento bakhtiniano a atender tais questionamentos por meio da estética na linguagem, sistematizando reflexões para além da linguística. A constituição da linguagem em Bakhtin está ligada a uma teoria do conhecimento que relaciona os sujeitos com o mundo. Por isso,

na próxima sessão, será apresentada a diferença entre enunciado como unidade da comunicação discursiva e como unidade da língua.

## **2.2 ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA X ORAÇÃO COMO UNIDADE DA LÍNGUA**

Para Bakhtin (2016), a linguística do século XIX procurou colocar a função comunicativa da linguagem em segundo plano, afirmação feita por ele em uma crítica a Humboldt, autor que coloca em primeiro plano a função de formação do pensamento, independente da comunicação. Assim, Bakhtin (2016, p. 23), é contra a forma como a “língua é deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se”, reduzida, por esse motivo, à criação espiritual do indivíduo. Ou ainda à ideia de funções de linguagem que gozam do pleno desconhecimento da função comunicativa da linguagem, isto é, a linguagem é considerada como se precisasse apenas de um sujeito, sendo a relação com o outro apenas de forma passiva, ou seja, a relação entre ouvinte (outro) e falante é considerada dispensável, já que nesta visão a língua necessita apenas de um falante.

Embora isso já ocorra nos livros de Ferdinand Saussure, os esquemas da comunicação discursiva aparecem sempre entre o falante e o ouvinte. Diante disso Bakhtin chama a atenção para a relação do ouvinte e a posição que ele ocupa, compreendendo o discurso do falante de maneira ativa e responsiva podendo concordar, discordar, completar, preparar-se etc. Essa posição responsiva se dá ao longo do processo de enunciação do falante. Por isso, a compreensão do enunciado concreto acontece de forma ativamente responsiva. Para a compreensão passiva do discurso alheio, Bakhtin (2016) entende que se trata de um momento de abstração da compreensão ativa real, mas que se atualiza na sequência ao dar a resposta real.

A resposta pode se manifestar de forma retardada, mas cedo ou tarde será ativamente entendida. Há também outras formas de resposta que não sejam em voz alta, como uma ação, como cumprimento de uma ordem, comandos, por exemplo. Assim, toda compreensão plena real é responsiva-ativa, podendo ser uma fase preparatória de resposta. Por isso, o falante não espera que seu ouvinte seja passivo e sim que faça uma objeção, uma ação, que concorde ou discorde do que está sendo dito.

Todo falante é co-respondente, porque não será o primeiro e nem será o último a romper o silêncio do universo. Isso pressupõe não só a existência do sistema língua, mas também de enunciados anteriores (alheios), que se relaciona com o enunciado atual, seja para se basear neles, polemizar ou enfrentar. Por isso Bakhtin (2016, p. 26) considera que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.

Embora Saussure tenha representado o outro em seus quadros esquemáticos da comunicação discursiva é necessário dizer que esse ouvinte não corresponde ao ouvinte real, já que aquilo que está desenhado representa o momento abstrato do instante pleno e real da responsividade. É necessário ressaltar que se trata de uma abstração para não se tornar uma invenção, pois para Bakhtin a linguística geral não leva em consideração a complexidade do fenômeno real e ainda enfraquece o papel ativo do outro no processo da comunicação discursiva.

Esse desconhecimento da importância ativa do outro no processo da comunicação discursiva delibera o uso do termo como “fala”, algo impreciso que deveria designar unidades da língua, como unidades fônicas e significativas. Bakhtin salienta como a linguística separa a fala, isto é, desintegra o fluxo da fala em orações, palavras, sílabas e assim por diante.

Nesse sentido Bakhtin (2016, p. 27) levanta questionamentos como: “O que vem a ser o fluxo discursivo? Qual é sua extensão? Terão princípio e fim?”. Questiona ainda qual o rigor metodológico para dividir em unidades, já que há uma duração infinita. Essas foram algumas perguntas às quais Bakhtin não obteve resposta da linguística, e ele argumenta que isso acontece devido à falta de elaboração do problema do enunciado e dos gêneros do discurso e também da comunicação discursiva. Desse modo, a falta de definição terminológica, por abstração metodológica, resulta no desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva, isto é, o enunciado.

O discurso só existe na forma de enunciado concreto de falantes. O discurso está presente em forma de enunciado que pertence a um sujeito e fora disso não pode existir. Embora os enunciados sejam diferentes no conteúdo, na construção composicional eles têm formas estruturais comuns e limites precisos, e são esses limites que precisam ser examinados.

Cada enunciado concreto tem seus limites que são definidos pela

alternância dos sujeitos do discurso na comunicação discursiva. Por isso, todo enunciado (simples e complexo) tem um princípio absoluto e um fim absoluto. Para Bakhtin (2016, p.29), “antes do seu início, os enunciados dos outros depois de seu término, os enunciados responsivos de outros”. Ao “terminar de falar”, o sujeito dá vez ao outro, à sua resposta responsiva ativa; portanto, o enunciado é uma unidade real que, pela alternância dos sujeitos da comunicação discursiva, é delimitado com precisão.

Essa alternância pode assumir diferentes formas, porque depende das diversas funções da linguagem, das condições e situações da comunicação. No diálogo real fica mais fácil de observar esse revezamento. Justamente por intercalar os enunciados dos sujeitos da comunicação discursiva é que há a precisão e simplicidade do diálogo que, a cada réplica, exprime a conclusibilidade do sujeito falante.

Para o Círculo, as relações existentes nas réplicas do diálogo de pergunta-resposta, ordem-execução só são possíveis por existir o outro (ouvinte ativo). Entre as unidades da língua (palavras, orações, sintagma) seria impossível, visto que os enunciados plenos e concretos não se prestam a gramaticalização. Conforme Bakhtin, a oração é a unidade da língua, e o enunciado, unidade da comunicação discursiva.

Embora enunciado e oração sejam unidades de diferentes sistemas, para Bakhtin o que importa é “definir com precisão a relação da oração com o enunciado” (2016, p.31).

A natureza do enunciado pleno completa a oração, visto que a oração é abstrata, como coloca Bakhtin:

Não é delimitada de ambos os aspectos pela alternância dos sujeitos do discurso, não tem contato imediato com a realidade (situação extraverbal), nem relação imediata com enunciados alheios, não dispõe plenitude semântica na capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do outro falante (BAKHTIN, 2016, p. 33).

Bakhtin (2016) entende que o enunciado se relaciona com outros enunciados, enquanto a oração está isolada, já que não há intercâmbio com outras orações. As palavras se intercambiam com outras palavras, o enunciado ao também fazer isso está articulando enunciados com auxílio das unidades da língua, palavras, orações etc. Sendo assim, o enunciado pode se transformar a partir de unidades da língua, mas as unidades da língua não podem se

transformar em unidades da comunicação discursiva.

### **2.3 DIÁLOGO, ENUNCIADO E SUAS PECULIARIDADES**

O diálogo é a forma mais clássica e simples da comunicação discursiva. Ele é definido pela alternância dos sujeitos no discurso, e, mesmo em outras esferas da comunicação discursiva com organizações mais complexas como esfera artística e científica, a natureza dos limites do enunciado é a mesma.

As diferentes obras dos enunciados complexos e elaborados são também unidades da comunicação discursiva, isto é, ao se organizarem em diferentes gêneros estão delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso. Essas delimitações demonstram a precisão externa que adquirem um caráter interno e acabam por deixar que o autor/falante manifeste sua individualidade por meio do estilo.

É justamente essa marca individual que possibilita a criação de princípios que diferenciam uma obra das outras que compõem a comunicação discursiva. A obra pode assumir diferentes formas, está em alternância com outras e por isso pode influenciar de diversas formas. como questionar convicções, obter posicionamento crítico etc.

A obra como réplica do diálogo determina as posições responsivas dos outros. Por isso, para Bakhtin (2016, p. 34), é “um elo na cadeia da comunicação discursiva”, já que está vinculada a obras/enunciados com que já teve resposta ou lhe responderam, ao mesmo tempo que está profundamente separada pelos limites da alternância dos sujeitos.

A alternância dos sujeitos é a primeira peculiaridade que constitui o enunciado como unidade da comunicação discursiva; a segunda é a conclusibilidade, diretamente ligada à primeira.

A conclusibilidade diz respeito àquilo que o falante disse ou escreveu, tudo o que quis dizer em determinado momento e condições. Em uma dada esfera da comunicação discursiva, percebe-se quando o enunciado chega ao fim, quando acaba, quando o falante conclui o que estava sendo dito. Entretanto, é preciso lembrar que o primeiro critério da conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de resposta, ou seja, a de tomar uma posição responsiva a ele. Mas é necessário que haja alguma conclusibilidade para se responder ao enunciado.

Portanto, a plenitude acabada do enunciado é que dá abertura à atitude responsiva ativa, que é determinada por três fatores ligados à totalidade do enunciado: 1. exauribilidade; 2. projeto de discurso; 3. formas típicas de composição.

O tema ou exauribilidade pode ter uma plenitude em algumas esferas da vida, como pedidos ou ordens, ou seja, naqueles gêneros do discurso que são altamente padronizados, em que não há possibilidade de elemento criativo próprio. O tema se trata daquilo que se quer dizer em determinada situação, podendo ganhar relativa conclusibilidade. O segundo fator é diretamente ligado ao primeiro, pois a intenção discursiva ou forma composicional determina a totalidade do enunciado, isto é, organiza textual e linguisticamente a intenção do falante, que vai fazer escolhas em determinadas esferas da comunicação discursiva, relacionando enunciado anteriores. A vontade discursiva do falante está vinculada a um momento único e singular, uma situação concreta com participantes que abrangem a totalidade do enunciado.

Neste sentido, cabe ressaltar a importância da intenção discursiva, conceito que dará margem à interpretação dos enunciados analisados.

Nomeado como projeto de dizer ou vontade discursiva, essa noção do Círculo de Bakhtin integra “a plenitude do enunciado acabado”, juntamente com outros dois elementos chamados exauribilidade e as formas típicas de composição “estão intimamente ligados na totalidade orgânica do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 36).

Em cada enunciado “sentimos a intenção discursiva ou a vontade de produzir do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 37), isto é, o falante que estabelece a totalidade de seu enunciado, assim como sua dimensão e limites. O projeto de dizer ao ser verbalizado possibilita a conclusibilidade do enunciado. Bakhtin salienta que

Essa intenção determina tanto a própria escolha do objeto (em certas condições de comunicação discursiva, na relação necessária com os enunciados antecedentes) quanto os seus limites e a sua exauribilidade semântico-objetiva. Ele, evidentemente, também determina a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado (BAKHTIN, 2016, p. 37).

A intenção discursiva é o momento de subjetividade do enunciado e está fortemente vinculado aos elementos que o constituem, portanto está ligado a uma situação concreta e singular dos campos da comunicação discursiva que

estão repletos de particularidades de seus participantes e seus enunciados antecedentes (BAKHTIN, 2016).

Os participantes envolvidos na comunicação discursiva se orientam a partir dos enunciados e situações antecedentes, isto é, a intenção discursiva ou vontade discursiva do falante desde o início está marcada pela totalidade do enunciado em questão. “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 38). Por isso, o tema ou exauribilidade é o momento em que o falante sabe o que quer dizer, mas para dizer precisa da intenção discursiva, isto é, uma entoação no enunciado acabado.

Essa entoação está relacionada ao acento valorativo dado ao enunciado, visto que nos enunciados analisados nessa pesquisa são usadas as mesmas palavras com diferentes valorações, como veremos no próximo subcapítulo.

Ao escolher o gênero é necessário ainda que um certo tom seja atribuído, ou seja, incluem na estrutura do enunciado determinada entoação expressiva. A vontade discursiva além de determinar o gênero do enunciado, acrescenta ainda o tom que vai ser usado, pode ser respeitoso, alegre, desconfiado, entre tantos outros que refletem a individualidade do falante.

Neste sentido, é possível ainda uma reacentuação dos gêneros da esfera da comunicação discursiva, como aponta Bakhtin

Pode-se transferir a forma de gênero da saudação do campo oficial para o campo da comunicação familiar, isto é, empregá-la com uma reacentuação irônico-paródica; com fins análogos pode-se misturar deliberadamente os gêneros das diferentes esferas (BAKHTIN, 2016, p. 40).

E, por último, as formas estáveis ou típicas de composição que são a escolha de determinado gênero do discurso. Essa escolha acontece de acordo com a especificidade de uma esfera da comunicação discursiva, levando em conta a temática, a situação concreta e o ouvinte.

A intenção discursiva, com toda sua particularidade, é aplicada ao gênero escolhido que se constitui de uma determinada forma. Todos se comunicam por meio de gêneros do discurso, pois os enunciados têm “formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto” (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Aprendem-se os gêneros quase como quem aprende a língua materna.

Nos lugares mais descontraídos e despojados, usam-se formas de gêneros, que podem ser mais flexíveis ou padronizadas. Assim, os gêneros organizam o discurso, moldam o que se quer falar (tema). Para Bakhtin (2016), os gêneros são flexíveis, plásticos e livres quando comparado às formas da língua.

A diversidade dos gêneros é determinada pela situação, posição social e pelas relações pessoais entre os participantes da comunicação discursiva. As mais diversas esferas que os gêneros se apresentam revelam formas íntimas e familiares que, impregnadas por determinada entoação expressiva, limita-se à vontade discursiva que pode assumir um tom conforme a convicção discursiva emocional, isto é, ser frio, caloroso, respeitoso etc. Além disso, o gênero é pode ser reacentuado de maneira a deslizar da esfera oficial para a família, por exemplo.

Quanto mais domínio sobre os gêneros discursivos, melhor a desenvoltura do falante, que de forma plena reflete sua individualidade e torna mais flexível e singular a comunicação. Para Bakhtin (2016, p.41), “os gêneros do discurso: estes são indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua”.

As peculiaridades do enunciado demonstram a singularidade presente na comunicação discursiva. O gênero que é relativamente estável se molda conforme a situação e a vontade de dizer. Quando se escolhem palavras para compor o enunciado, exprime-se um sentido do ponto de vista de um “enunciado inteiro”. Escolher determinado gênero é estar no enunciado em sua totalidade, ou seja, o gênero escolhido sugere os vínculos composicionais (BAKHTIN, 2016).

O outro fator que caracteriza a composição e o estilo é o elemento expressivo. Bakhtin (2016, p. 47) a nomeia como a “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”. Existem vários graus de força e significado em toda parte, sendo um enunciado neutro impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso também contribui na determinação das escolhas dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O aspecto expressivo é revelado sobretudo pelo estilo individual.

A relação emocionalmente valorativa do sujeito do discurso expressa seu real juízo de valor através do enunciado, isto é, dependendo do contexto o

enunciado pode assumir diferentes tons, como a ironia ou sarcasmo por exemplo. Escolher as palavras para compor o enunciado é como deixar o tom da palavra que mais expressa determinado tom/grau valorativo adentrar o enunciado.

## **2.4 ACENTO VALORATIVO E IDEOLOGIA**

Na busca por uma teoria materialista da linguagem, o Círculo buscou entender como os discursos se materializam nos enunciados, nas diferentes esferas do cotidiano que refletem a relação entre ideologia e linguagem (PEREIRA; RODRIGUES, 2014). Na teoria dialógica não há neutralidade dos discursos, sempre há marcação do acento valorativo de determinada ideologia. Nesse sentido, Faraco (2003, p. 46) considera “as diretrizes gerais para um estudo de base materialista e sócio-histórico do universo da criação ideológica”, por isso, é importante salientar que o conceito de valor está operando dentro da obra como valor ideológico, carregado de uma significação social e de classe.

Para a compreensão da noção de acento valorativo, é necessário o entendimento do conceito de ideologia, que não aparece de forma acabada no Círculo, mas que mantém uma relação com as concepções de linguagem e de práticas discursivas.

A dialética da ideologia oficial e a ideologia do cotidiano revelam a relação recíproca entre a estrutura relativamente estável e o acontecimento instável que é a ideologia do cotidiano. Para Miotello (2018, p.169), a ideologia bakhtiniana é como a expressão de uma tomada de posição determinada. Nesse sentido, por exemplo, um sujeito que ocupa um cargo importante em uma multinacional defenderia a ideologia de uma sociedade capitalista, reforçando a ideologia oficial. Sob esse panorama, o lugar valorativo e a situação são determinados sócio-historicamente, e é na comunicação, na interação que surge a materialização do fenômeno ideológico.

Para Volóchinov (2017), é essencialmente na ideologia do cotidiano que se manifesta o lugar das infraestruturas, como troca de sentido com a sociedade. É nos encontros casuais e costumeiros que se hospeda a ideologia oficial. Ideologia é, então, entendida “como a expressão, organização e

regulação das relações histórico-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2018 p. 171).

A palavra tem caráter ideológico e carrega consigo toda sua materialidade histórica. Nas relações dialógicas que se estabelecem pela palavra, como comenta Stella (2018, p. 178), “o falante, ao dar vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores”. Portanto, é na expressão dos valores através da palavra que o discurso toma forma, sendo o resultado das interações e relações na atividade humana concreta; logo, o discurso é o produto ideológico. Nessa perspectiva Volóchinov orienta que,

Qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, contedístico dessas palavras, mas também uma avaliação, pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa. Sem uma ênfase valorativa não há palavra. O que então seria a ênfase e qual seria a sua relação com aspecto objetivo da significação? (VOLÓCHINOV, 2017, p. 233).

À vista disso, a realização de um enunciado é um acontecimento histórico, visto que aparece, através do enunciado, algo que não existia antes e que deixa de existir ao ser acabado. Essa relação de nascimento e morte do enunciado, Bakhtin nomeia como enunciação. O enunciado é o produto do processo da enunciação, e é nele que são deixadas marcas linguísticas, enunciativas, subjetivas e outras mais, que configuram o ponto de vista histórico, cultural e social da enunciação (SOBRAL; GIACOMELLI; 2018).

Ao enunciar, o sujeito está dando vida à palavra com sua avaliação, dialogando com a ideologia oficial e cotidiana da sociedade e expressando a sua visão de mundo em relação a esses valores. É nesse encontro entre interior e exterior que se deve entender o que são esses valores, dando margem à concordância ou não do locutor. A palavra é o produto ideológico do processo de interação concreto e vivo. A palavra é ainda mediadora, acumula valores ideológicos conforme a visão de mundo do locutor. É pela palavra que lentas alterações acontecem na essência da sociedade (STELLA, 2018).

Stella (2018, p. 179) pondera que há quatro elementos que definem a natureza da palavra: pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo ato consciente, neutralidade. A primeira propriedade se refere à capacidade de funcionamento e circulação da palavra como signo ideológico: a segunda se trata da palavra como única mediadora entre o interno

e externo do sujeito: o terceiro elemento revela a palavra como agente participativo nos processos internos, ou seja, a interpretação de mundo conforme a circulação das esferas ideológicas; e por último, a neutralidade da palavra no sentido de poder assumir qualquer caráter ideológico depende da intenção do locutor.

Com essa perspectiva, há a possibilidade de estudar a linguagem ponderando seus elementos históricos, os sujeitos situados historicamente e por fim dando concretização ao signo ideológico. Volóchinov explica que,

Desse modo, todo enunciado cotidiano é um entimema objetivo social. É como se fosse uma 'senha', conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece seu contexto da vida mais próximo não irá entendê-los (VOLÓCHINOV, 2019, p. 121).

A essência social da entonação revela a ideologia por meio de opiniões e críticas; por isso, a entonação expressiva é repleta de sentido, mesmo quando não há resposta verbal o outro é responsivo. Para Brait (2018, p. 22) “nenhuma ideologia pode aparecer fora dos signos, e nenhum signo está despido de ideologia.”

Por conseguinte, Volóchinov (2019, p. 118) questiona: “Como então a palavra cotidiana se relaciona com a situação extraverbal que a gerou?” Segundo o autor, o extraverbal integra as peculiaridades da palavra, deixando-a repleta de sentido e entonação expressiva. Em uma conversa, o significado é necessário para se chegar ao o sentido, mas é no contexto que conseguimos preencher o vazio semântico, significando o todo.

Para Volóchinov (2019), o contexto extraverbal do enunciado é composto por três pilares, sendo esses: 1. o horizonte espacial comum dos falantes, 2. o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois e 3. a avaliação comum dessa situação. Dessa forma, consegue-se incorporar o sentido e a entonação completa do enunciado, pois são o dito e o não dito que constituem a enunciação.

De acordo com Brait (2018, p. 10), “a concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos [estão] necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”, sendo, portanto, indissociável a relação que existe entre língua, linguagens e

história.

Conseqüentemente, a linguagem, na perspectiva bakhtiniana, leva em conta as peculiaridades discursivas, sendo uma dessas o extraverbal. O extraverbal é um conjunto de elementos, como o horizonte espacial que envolve os locutores, a compreensão da situação comunicativa que é envolvida pelo contexto histórico e posição social e a avaliação da situação, ou seja, os valores que perpassam a interação dos sujeitos envolvidos na enunciação.

Portanto, integra o enunciado e favorece a interação entre os interlocutores.

As influências 'extratextuais' têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe. Depois, essas "palavras alheias" são reelaboradas dialogicamente em "palavras minhas-alheias" com o auxílio de outras palavras alheias (não ouvidas anteriormente) e em seguida nas minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já é de índole criadora (BAKHTIN, 2017, p. 68).

Por isso, a consideração do extraverbal é necessária, visto que é fundamental na intenção de entender a formação histórica do tema e das significações, determinado que o sentido no enunciado está sempre subordinado ao horizonte valorativo. Quando se altera esse lugar, de acordo com Volóchinov (2017, p. 238), muda-se o sentido, pois "essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela e um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir." Ao entender o sentido por sua formação dialética<sup>9</sup>, Volóchinov (2017) considera que o signo só pode ser compreendido por definição ideológica juntamente com as relações sociais estabelecidas que se manifestam em dada situação de interação.

É nesse embate de valorações que há o aparecimento intrínseco e superior do horizonte social, visto que, é a partir dele que se tem o sentido concreto e vivo ao enunciado. O conteúdo do signo é o acento valorativo que o acompanha; entretanto, para que o conteúdo sógnico se torne uma reação ideológica é necessário que ele esteja envolvido com princípios socioeconômicos. De acordo com Volóchinov (2017, p. 111), "somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma

---

<sup>9</sup> Dialético porque se trata de "fenômenos observáveis na práxis cotidiana dos homens, em suas relações objetivas/subjetivas, e que refletem e refratam o próprio ser" (CARDOSO, 2016).

e nele consolidar-se”.

Essa reação ideológica reflete e refrata na nossa existência, fazendo com que a classe dominante envolva o signo ideológico como algo perpetuamente superior, essa dominância revela as duas faces do signo. Nas palavras de Volóchinov:

Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

É nesse fluxo dialético da formação social que o signo ideológico se determina em refletir e refratar a realidade, permitindo desdobramentos de distorção de acordo com a intencionalidade da ideologia dominante. Por isso, a entonação tem uma estreita relação com a palavra e o extraverbal, a entonação permitindo que a palavra vá além do que pode ser dito. Há fenômenos do discurso que impõem exigências, que podem ser uma ordem, mandamento, ameaça, ofensa etc. Porém, essas entoações valorativas dada à palavra só são possíveis de ser observadas quando considerando o extratextual. Para Bakhtin (2017), o que importa é o tom. É se apoiando nesse tom valorativo que é dada a tonalidade emotivo-volitiva ao texto. De acordo com Bakhtin

O significado das exclamações axiológico-emocionais na vida discursiva dos povos. Contudo, a expressão das relações axiológico-emocionais pode não ser de índole explícita-verbal mas, por assim dizer, de índole implícita na entonação. As entonações mais substanciais e estáveis formam o fundo entonacional de um determinado grupo social (nação, classe social, grupo profissional, círculo, etc.). Em certa medida, pode-se falar por entoações únicas, tornando a parte do discurso verbalmente expressa relativa e substituível, quase indiferente (BAKHTIN, 2011, p. 406).

Por isso é tão importante o contexto extratextual, que só pode ser realizado pelas relações dialógicas, sendo o limite, o outro. Na teoria dialógica, o acento valorativo dado ao enunciado revela aquilo que o sujeito carrega como bagagem de mundo. Mesmo que um discurso não tenha o eu como fonte, também é único, pois é irreproduzível, considerando que cada um tem sua bagagem e vivências singulares. Pereira e Rodrigues (2014) indicam que é no extraverbal que pode ser compreendido a dimensão e caráter social do enunciado, vindo a decorrer a valoração e ideologia, ou seja, o acento

valorativo é refratado pela ideologia que se materializa nos enunciados. Desse modo, o discurso é, em sua totalidade, uma produção concreta e viva no contexto em que está acontecendo, e o contexto da enunciação é um acontecimento que reflete a história, o sentido e integra os discursos. Portanto, responder ao outro é uma forma de se posicionar frente ao enunciado do outro.

Quando se compreende o discurso alheio, cria-se uma própria concepção, um conteúdo próprio a partir do seu próprio mundo, sendo a palavra o direcionamento para aquilo que se quer dizer (BAKHTIN, 2016). O falante compreende que está adentrando um mundo novo, um terceiro mundo, o mundo dos contatos. Lugar esse que o um se dirige ao outro, entrando “em ativas relações dialógicas” [e] “se a compreensão é sempre prenehe de resposta” é porque no discurso do outro há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma resposta (BAKHTIN, 2016, p. 113).

As relações dialógicas se dão entre as réplicas do diálogo, envolvendo pelo menos dois sujeitos. Dessa forma, os enunciados desses sujeitos respondem um ao outro, e essa resposta reflete em cada réplica do diálogo, ou seja, os enunciados do diálogo estão ligados por relação dialógicas (BAKHTIN, 2016, p. 114).

O diálogo é um recurso além do léxico, da sintaxe. É um apelo às potencialidades da conversação, ao sentimento de imediatismo por ter um ouvinte. É o elemento que intensifica a comunicação, enfraquece o monólogo e reforça o dialógico (BAKHTIN, 2016).

Para Bakhtin, é necessário haver um estreitamento da compreensão de diálogo, indicando três elementos norteadores, sendo esses: “1. O enunciado como unidade primária do discurso e seus gêneros, sejam esses simples ou complexos. 2. A compreensão e sua logicidade. 3. O diálogo e suas modalidades (a importância do discurso dialógico)” (BAKHTIN, 2016, p. 115).

O diálogo carrega consigo não somente uma marca, mas diversas marcas de várias individualidades. Neste sentido, as peculiaridades da composição lexical do discurso dialógico como interjeições e pronomes e as características da estrutura gramatical como o imperativo são formas para garantir a expressividade do falante no diálogo.

A intensificação do elemento dialógico se volta para uma diretriz de resposta, de resposta imediata, havendo uma influência das condições reais do

discurso. Porém, somente havendo o início, meio e fim, há a totalidade do enunciado, uma vez que “o fim de um enunciado pressupõe a mudança do sujeito do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 116).

Na totalidade, o enunciado é sempre direcionado, sempre há um ouvinte definido e, ao terminar essa relação entre falante e ouvinte, fica ainda mais acentuado o enunciado do outro quando acabado. O discurso, ao estar acabado, está dando lugar ao discurso do outro (mesmo que seja um outro interior).

Bakhtin (2016) pondera que a unidade do discurso é o enunciado e que todo enunciado é por natureza réplica do diálogo, portanto, o discurso é dialógico por natureza. Todo enunciado é dialógico porque é endereçado para outro(s), que participa da troca de ideias, logo, o enunciado é sempre social. É importante ressaltar que, embora existam as formas dialógicas de discursos, existem também formas aparentemente monológicas como o discurso científico, as novelas, os contos etc.; porém, essa monologicidade não é absoluta e se dá por uma forma organizacional em ser distinto do diálogo.

A formação do diálogo ocorre na compreensão do enunciado alheio, em que dois sujeitos discursivos e um intercâmbio de ideias permitem uma fronteira dialógica. Trata-se, como aponta Bakhtin, da luta do novo contra o velho, o discurso se torna um ringue, o estilo de cada discurso variando conforme a complexa relação com o interlocutor, a posição hierárquica, o objetivo da conversa (tema), as formas de comunicação, o clima externo etc. Há muitos fatores que caracterizam o estilo, daí a importância das diferenças entre enunciado monológico e como réplica do diálogo.

## **2.5 DISCURSO ALHEIO E IDEOLOGIA**

De acordo com Bakhtin (2016, p. 122), “a relação com o interlocutor determina o discurso tanto quanto a relação com o objeto (a realidade)”. A relação do interlocutor com o discurso do outro é ponto determinante no diálogo, sem o que não há réplica. Porém, esse fator é intrínseco a todo discurso, já que sempre há um ouvinte.

O ouvinte no monólogo está mais direcionado ao aspecto lógico-objetal, ou seja, não se detém na interferência real do outro. Não há interesse em saber o ponto de vista do outro, seja por discordância ou não. O discurso

monológico não deixa precedentes para voltar-se ao ouvinte, e quem escolhe essa forma de discurso está se limitando ao objeto lógico, a realidade objetiva representada ou imaginada. O discurso monológico exige que o falante estabeleça uma relação objetual sem se voltar ao outro, sem levar em conta seu ouvinte e suas apreciações.

Quando, porém, se trata de discurso dialógico, ao se analisar uma réplica, deve-se considerar a influência do interlocutor e de seu discurso, expressa na relação do falante com o interlocutor e a sua palavra. A palavra, então, se torna palco de encontro, lugar de expor ponto de vista. Já no monólogo não há isso, mas, embora não haja monólogo absoluto, há vários graus de dialogismo no monólogo, sendo que gêneros como científicos, ficcional, jornalístico e publicístico são exemplos de discursos monológicos com diferentes graus de dialogismo (BAKHTIN, 2016).

Os gêneros das conversas cotidianas, no entanto, refletem de forma clara o seu ouvinte e seu discurso; por isso, a relação entre gênero e estilo se mesclam. Os gêneros mudam de estilo, os estilos se mesclam por gêneros. O estilo ao deslizar de uma gênero ao outro, modifica, transforma, transfere suas peculiaridades, o que acaba por dialogizar o gênero.

O discurso alheio influencia as formas desse reflexo, e o discurso do outro pode permanecer de fora ou não do enunciado. Desse modo, compreender o enunciado alheio implica em posicionar-se em relação a ele (VOLÓCHINOV, 2017).

A relação ativa entre os enunciados denota as formas de transmissão do discurso alheio, o enunciado quando está concreto e acabado na visão do outro falante, é nessa aparência que o discurso alheio é transportado para o contexto do outro. O enunciado incorpora outro enunciado e, na sua composição, elabora até mesmo as normas sintáticas, estilísticas e composicionais na unidade temática autoral. Assim,

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão. É justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial (VOLÓCHINOV, 2017, p. 250).

O discurso alheio ultrapassa os limites das réplicas do diálogo, pois no discurso alheio encontramos a reação da palavra à palavra. A interação entre

dois enunciados é um diálogo, motivo pelo qual um enunciado não pode ser isolado e explicado fora da unidade real da linguagem. Há, no discurso alheio, as tendências sociais estáveis da relação ativa do discurso, que se sedimenta na língua. Esse procedimento está no caráter social que insere na estrutura gramatical os níveis de avaliação social do enunciado alheio.

Entretanto, há diferenças primordiais entre a relação ativa do discurso alheio e a sua transmissão. As transmissões possuem objetivos: podem ser de relato, registro, polêmica etc. Além disso, a transmissão é direcionada para um terceiro, ou seja, àquele a quem se referem as palavras alheias. É nessa transferência da palavra alheia para um terceiro que se acentua a importância das forças sociais, visto que, essas forças organizam aspectos da percepção avaliativa do enunciado alheio (VOLÓCHINOV, 2017).

Nesse sentido, as transmissões apenas atualizam aquilo que já estava sendo dito. Essas tendências sociais, como nomeia Volóchinov, são formas da relação ativa. As formas sintáticas, sugere o autor, são influências reguladoras que exercem tendências da percepção avaliativa do discurso alheio. A língua reflete as relações sociais estáveis dos falantes em diferentes momentos da vida e com diferentes objetivos, tendo formas que predominam mais em alguns momentos que outros. É nesse momento que se observam as forças sociais, ou fraqueza, já que se está falando de estratificações dos discursos (VOLÓCHINOV, 2017).

As avaliações ou julgamentos sociais que estão no enunciado alheio passam a ser material de significação do discurso interior, ou seja, o enunciado alheio passa a ser avaliado a partir da percepção do falante do discurso interior. É nessa percepção intradiscursiva que o discurso alheio é moldado em discordância ou não, partindo para a réplica onde existem relações complexas e tensas que se apoiam no contexto das formas de transmissão. De acordo com Volóchinov (2017), discurso alheio e contexto transmissor são apenas termos para designar uma interrelação dinâmica que reflete no horizonte social e na comunicação dos sujeitos.

A expressividade denota um acento valorativo no enunciado, tendo variados graus de valoração, mas sendo impossível ser neutro. Essa relação valorativa faz com que o objeto seja abordado de diferentes maneiras, o que traz a escolha de competências lexicais, gramaticais e enunciativas para

externar a posição emocionalmente valorativa do falante. Bakhtin explica a neutralidade da palavra, que pode ser valorada de diferentes formas ao ser usada em um enunciado concreto, deixando de ser neutra:

A palavra “benzinho” – hipocorística tanto pelo significado do radical quanto pelo sufixo – em si mesma, como unidade da língua, é tão neutra quanto a palavra “longes”. Ela é apenas um recurso linguístico para uma possível expressão de relação emocionalmente valorativa com a realidade, no entanto não se refere a nenhuma realidade determinada; essa referência, isto é, esse real juízo de valor, só pode ser realizado pelo falante em seu enunciado concreto (BAKHTIN, 2011, p. 290).

Só é possível reconhecer o acento valorativo no momento concreto da enunciação, afinal orações isoladas são neutras, ainda que algumas orações possam induzir determinada compreensão do sentido. No entanto, deve-se sempre considerar o contexto no momento concreto da enunciação, pois é nesse momento que é possível verificar se a expressividade é alegre, triste, sádica ou irônica mesmo a oração sendo positiva, por exemplo, o que pode não condizer com o que o falante quer enunciar (BAKHTIN, 2016).

Desse modo, um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral (BAKHTIN, 2011. p, 290), sendo esse um traço típico do enunciado, que não existe no sistema da língua. Embora haja na língua palavras neutras, o sujeito ao enunciar está usando a palavra para se posicionar, pois “na língua há muitas palavras alheias ou semialheias para o falante, isto é, para o estilo adequado à sua intenção” (BAKHTIN, 2016, p. 136).

Portanto, a língua na sua forma concreta e viva está repleta de significação ideológica ou cotidiana. Para que o outro entenda a palavra é preciso atentar para a ideologia do cotidiano que reveste o enunciado, sendo no processo da enunciação que separamos o conteúdo ideológico alheio que deve ou não ser incorporado ao nosso discurso, sendo assim orientado para uma forma avaliativa específica.

Nesse sentido, a orientação social forma o enunciado e determina os possíveis ouvintes. É claro que existem graus de consciência sobre a posição social, e é nesse contexto que aparece a orientação social valorativa, que possibilita ao locutor possuir tons de apelo, arrogância etc. Assim, cada sujeito tem um tom valorativo específico que tende a certas formas ideológicas, isto é,

conforme Bakhtin (2016, p. 209), “irá se desenvolver na direção das formas ideológicas correspondentes: o protesto individualista de um miserável ou a resignação mística penitente.”

A ideologia do cotidiano é o discurso ativo e vivo que forma sistemas ideológicos que se cristalizam através da arte, da moral social etc. O tom valorativo que se manifesta no enunciado deve ser diferenciado, visto que diversas são as camadas sociais. É pela perspectiva da escala social que podemos verificar as forças e orientações sociais presentes no discurso. Conforme Miotello (2018, p. 173),

E desse nível é que a ideologia, que teve seu nascedouro nas interações sem padrão fixo, se dando sobre os acontecimentos sociais mais ínfimos e mais casuais, e se conservando relativamente instalada frente ao que é considerado ideologia oficial em uma dada sociedade, principia sua relação mais efetiva com esse nível oficial da ideologia, infiltrando-se progressivamente nas instituições ideológicas (imprensa, literatura, ciências, leis, religião), e as renovando, ao mesmo tempo em que é renovada por elas. Nesse sinal de renovação também está presente o sinal de refração da ideologia, pois que a classe dominante confere ao signo ideológico um caráter intangível, imutável e supraclasses sociais, abafando ou ocultando a luta dos índices sociais de valor, e divulgando o discurso de monovalência.

É conservando o discurso e as classes sociais que se perpetua a ideologia da classe dominante, fazendo com que seja silenciado certos signos ideológicos, que, assim, não são lembrados. Nesse sentido, é imprescindível tratar a ideologia junto à análise do enunciado concreto, assim como suas formas e estilos. Se a ideologia se manifesta através do conjunto de reflexos interpretativos da realidade social, a enunciação é justamente o material sógnico dessa manifestação.

Entender ideologia em Bakhtin é perceber como as forças dominantes reforçam através de práticas de apagamento e esquecimento a existência das classes sociais. Esse poder político dominador conserva as coisas como são e por isso destroem a ideologia como algo do cotidiano. Essa ideologia oficial prevalece de modo a enraizar uma ideia única de produção (MIOTELLO, 2018).

No próximo capítulo será apontada a metodologia utilizada para atingir nossos objetivos e nos subcapítulos sucessivos a contextualização das redes sociais que aparecem no diálogo e publicação, bem como a descrição do caso e por fim as análises.

### 3. METODOLOGIA - DESCRIÇÃO-ANÁLISE-INTERPRETAÇÃO

Com o propósito de analisar o processo enunciativo de transformação de uma conversa à uma denúncia sobre a cura gay e de examinar como um diálogo é ressignificado por uma publicação de *Facebook*, seguiremos o método de descrição-análise-interpretação proposto por Sobral (2006) em conversa com Brait. As etapas de análise seguem a sequência de descrição-análise-interpretação:

A descrição apresenta o corpus a partir de sua inserção geral na esfera de atividades; a análise examina a estruturação do discurso e a interpretação reúne as duas anteriores, ao interpretar suas estratégias de instauração de sentidos e os sentidos produzidos nos termos da esfera de atividades e da análise do texto (SOBRAL, 2010, p. 14).

Para Sobral e Giacomelli (2016), os gêneros do discurso são práticas discursivas que estão no âmbito da noção dialógica, por isso as práticas sociais não podem ser dissociadas dos contextos de produção e compreensão dos discursos, consistindo em um “passo importante para o dimensionamento do ser e do agir sociais da linguagem” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 315). Sendo assim, os enunciados presentes nos *printscreens* que compõem nosso *corpus* serão examinados segundo a sua organização em formas relativamente estáveis, os gêneros, nos quais se pretende explicar os objetivos que assumem para realizar temas diferentes, já que as formas materiais da língua são as mesmas.

Desse modo, um procedimento analítico deve considerar a abordagem metodológica a partir da linguagem efetivamente concretizada, ou seja, deve-se sempre tomar como unidade de análise o enunciado concreto, resultado de uma interação verbal de sujeitos situados social e historicamente, ou seja, participantes de relações verbais. No caso deste trabalho, partimos de uma conversa entre psicólogo e paciente, publicizada com propósitos distintos: como denúncia e como notícia.

Sobral (2006) alerta que as relações dialógicas não podem ser compreendidas à margem da esfera discursiva, mesmo sendo extralinguísticas, pois se dão entre sujeitos e se desenvolvem à medida que eles constroem seus enunciados. Por isso, o estudo de enunciados concretos, conforme Alves (2019), demanda o caráter histórico que constituiu as diversas esferas de atividade humana.

Para darmos tratamento ao corpus faremos a descrição dos textos efetivamente produzidos, ou seja, os enunciados concretos que compõem os gêneros em questão; a análise, que segue a verificação do modo como os sujeitos interagem, isto é, como organizaram o gênero segundo o seu propósito enunciativo; e, por último, a interpretação, na qual os dois primeiros passos se articulam para compreendermos como se dá a resignificação, ou seja, como o gênero cumpre outros propósitos e assume novos sentidos. Em outros termos, partimos do contexto em que ocorrem as interações para chegar aos sentidos expressos.

Segue a perspectiva de Volóchinov (2017, p. 110) que estabelece parâmetros mais amplos e destaca três aspectos fundamentais: 1) não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo, pois o signo ideológico faz parte da comunicação social; 2) não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social; e 3) não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.

As variações de cada gênero revelam as circunstâncias de produção do enunciado, como a posição social e a relação pessoal com os interlocutores. Desse modo, a “situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (BAKHTIN, 2017, p. 206).

Sabemos que a ADD pressupõe sempre a presença do outro no discurso, e é essa relação de alteridade que estabelece como eu vou falar o que eu quero falar. Assim, levamos em consideração o interlocutor para fazer as escolhas lexicais, sintáticas, de gênero, isto é, o locutor escolhe o estilo a partir do outro, determinado os “mecanismos e estratégias discursivos dominantes no discurso dado; a sequência na qual se distribuem esses mecanismos no discurso; e as inter-relações entre esses mecanismos” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 320).

Considerando que as formas da língua são indicações de possíveis interpretações do enunciado concreto, Acosta Pereira e Oliveira (2020) orientam que os recursos linguísticos-gramaticais que compõem o enunciado são selecionados conforme a ideologia. Isto é, de acordo com o horizonte valorativo, eles “demarcam as amplitudes do cronotopo na medida em que determinadas palavras passam a constituir signos ideológicos, refletindo e

refratando a realidade social” (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 253). Por isso, o estilo é a unidade constituída pelas escolhas sintáticas e lexicais empregados no enunciado, dando forma e acabamento ao discurso.

Apoiando-se em uma metodologia dialógica, que, a partir da descrição e da análise, dá margem à interpretação, procuramos manter uma postura de diálogo diante do *corpus* da pesquisa, visto que a organização metodológica deste trabalho se dará em duas etapas: em primeiro lugar a análise de recortes do diálogo printado, que aconteceu via *WhatsApp* entre paciente e psicóloga e a segunda análise da publicação feita no grupo LDRV na rede social *Facebook*, no qual a amiga do paciente relata a consulta psicológica.

### 3.1 CONTEXTUALIZANDO AS REDES

Nosso *corpus*, neste trabalho, é constituído pela linguagem que circula em dois sites de redes sociais, o *Facebook* e o *Whatsapp*. Por isso, entendemos ser importante, inicialmente, pontuar algumas considerações sobre eles.

O Facebook é o maior site rede social do mundo, segundo Gama (2019). Surgido em 2004, tem o propósito de “oferecer às pessoas o poder da partilha, tornando o mundo mais aberto e interligado” (FACEBOOK, 2013<sup>a</sup>). Conforme a relação das pessoas com a tecnologia, além de transmitir informações, há uma perpetuação de fins culturais que se estende além dos vínculos das relações cotidianas. Com isso, é importante frisar que as redes sociais são estruturadas de diferentes jeitos, o que Boyd (2011, p. 8) chama de ambiências, “o espaço construído através de tecnologias em rede e a comunidade imaginada que emerge como resultado da interseção de pessoas, tecnologia e prática”

Encontramos na arquitetura da plataforma *Facebook* uma forma de interação que estende suas funções para além do diálogo, pois, além de postagens com informação pessoal, há a possibilidade de compartilhamento de conteúdos como fotos, gifs, textos, vídeos etc. Configura-se, então, o *feed* de cada usuário, com o qual seus amigos de rede podem interagir, curtindo, comentando, compartilhando, ou mesmo ocultando, bloqueando e denunciando o post ou mesmo o perfil. Além disso, ainda é possível criar páginas, grupos e anúncios, mas somente através do engajamento entre amigos é que há resultado na disseminação de informações.

Em contrapartida, o site de rede social *Whatsapp* permite que o usuário envie diretamente ao seu interlocutor textos, imagens, áudios, faça ligações etc. Para o usuário ter acesso ao outro, é necessário que tenha o contato de com quem deseja conversar no celular, ou seja, tenha acesso ao número de um aparelho telefônico.

Essas diferenças das plataformas revelam que as possibilidades de interação e socialização dos usuários são também diversas, o que faz com que cada uma das redes seja vista como um ambiente específico conforme a intenção de quem a usa. Por haver a necessidade da troca de números de telefone para que haja interação, a plataforma de mensagens instantâneas *WhatsApp* é vista de forma mais íntima, já que provoca um diálogo direto e não há espaço para criação de um perfil (GAMA, 2019).

### **3.2 DESCRIÇÃO DO DIÁLOGO**

Com base no que foi visto na publicação do *Facebook*, na qual se reproduz o diálogo entre paciente e psicóloga, que se deu pelo *WhatsApp*, temos margem para melhor reconstruir o ocorrido, contextualizando o *corpus*. O paciente é um jovem de 22 anos, estudante de publicidade, residente da cidade de São Bernardo do Campo no estado de São Paulo e é integrante de uma família cujos pais são católicos.

No segundo semestre de 2019, ele foi levado pelos pais que participaram da consulta com a psicóloga, na qual se sentiu desrespeitado em diversos momentos, pois a profissional utilizou termos preconceituosos e tentou, a partir da posição social que ocupa, dar soluções para o que considerava um problema na sua orientação sexual.

Num segundo momento, após a consulta, a psicóloga utilizou o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* para iniciar um diálogo com o paciente e perguntar se ele decidiu continuar o tratamento. Nessa conversa, o jovem responde à profissional posicionando-se contra os argumentos utilizados por ela na consulta.

Primeiramente, ele diz que não seguirá com o tratamento proposto, afirmando que ela é uma boa profissional quando se trata de seus já pacientes, mas acredita que não seja a profissional adequada para o caso dele e de seus pais. Escreve, também, que gostaria de explicar alguns termos usados na

consulta, como “homossexualismo”, “opção sexual” e “heterofobia”. Ele ainda aponta qual a função que o psicólogo deveria exercer em situações como a dele e diz que atitudes como a dela na consulta só pioram a relação dele com os pais. No final, agradece a disponibilidade, buscando encerrar o contato.

Em seguida, a psicóloga responde de forma hostil, dizendo que qualquer escolha, opção ou destino o levará para um final melancólico, acrescentando que não irá “se vender”. Ela argumenta, ainda, que ele deve ir a um psiquiatra, por possuir colite, uma doença que ela diz ser emocional. Conclui sua resposta, afirmando que quando o paciente for menos prepotente poderá voltar a procurá-la.

Na sequência, o jovem rebate o que foi dito pela psicóloga, afirmando que seu fim não será melancólico porque ama as pessoas como elas são, e que ela deveria fazer o mesmo, por trabalhar com pessoas. Ele ainda questiona se as mensagens anteriores foram piadas, visto que não acredita que uma profissional da saúde está se exprimindo daquele jeito, acrescentando que não admitirá que alguém lhe falte com respeito ou que o trate com ignorância.

Em seguida, a psicóloga responde de forma mais hostil, dizendo ao paciente que ele merecia a sarjeta por falar que seus pais são preconceituosos, acusa-o de “rebelde sem causa”. Mais uma vez, repete que não se venderá por dinheiro e pontua momentos em que o paciente agiu de forma grosseira na consulta presencial. Diz também que pessoas como ele morrem sozinhas e enfatiza que a doença emocional chamada colite deve ser tratada no psiquiatra por ser algo relacionado ao estresse, completando com “aceita que dói menos”. Acusa-o de ser preconceituoso por não aceitar continuar com a terapia e conclui que outros profissionais irão se vender por aceitá-lo como ele é.

O desfecho do diálogo se dá quando, mais uma vez, o paciente responde, dizendo que acredita que a psicóloga não tenha noção do que está falando e revela estar perplexo por sua falta de profissionalismo. Em seguida, conclui dizendo que levará o que aconteceu ao Conselho Regional de Psicologia e completa: “Você mexeu com o viado errado!”.

Recortes dessa conversa serão o objeto da primeira análise deste trabalho. Pretendemos, então, destacar alguns enunciados do diálogo travado entre paciente e psicólogo, que inicialmente, é de uma recusa ao tratamento e

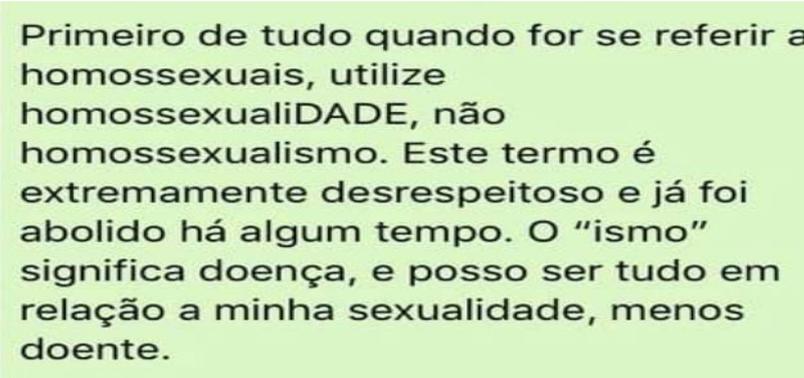
a explicação dos motivos para tal e no final transforma-se em denúncia.

### 3.3 ANÁLISE 1: O DIÁLOGO DO WHATSAPP

Para fins de organização metodológica do trabalho, ressaltamos que o primeiro enunciado está segmentado em quatro partes, portanto é o mesmo enunciado dividido em quatro parágrafos em que o paciente após afirmar porque não irá realizar o tratamento, enfatiza alguns pontos que o levaram a essa decisão, apontando à profissional algumas questões que julga relevantes, por se tratarem de pontos de vista que julga equivocados. Neste momento já é possível encontrar o primeiro confronto de valores.

O primeiro está relacionado à palavra “*homossexualismo*”, termo que foi usado pela profissional, mesmo já tendo sido reprovado pelo Conselho Federal de Psicologia.

Enunciado 1: Enunciado escrito pelo paciente:



Primeiro de tudo quando for se referir a homossexuais, utilize homossexualIDADE, não homossexualismo. Este termo é extremamente desrespeitoso e já foi abolido há algum tempo. O “ismo” significa doença, e posso ser tudo em relação a minha sexualidade, menos doente.

Figura 1: “Homossexualidade, não homossexualismo”

Nesse recorte, o que se vê é a posição assumida pelo locutor, o paciente, que recusa o termo relacionado à doença, usado quando a homossexualidade era considerada um transtorno mental, constando, até 1990, no Código Internacional de Doenças (CID) a pedido da Organização Mundial da Saúde (OMS), para se referir a uma desordem sexual.

É preciso destacar que o paciente começa esse enunciado com a expressão temporal “*primeiro de tudo*”, ou seja, já inicia expressando que há muito a dizer em relação à postura da profissional durante a consulta. Assim, a conversa remota é uma resposta negativa ao tratamento proposto e também uma crítica, que provavelmente não pode ser feita na consulta, no diálogo

presencial por causa da presença dos pais. Vemos, portanto, que o projeto de dizer do paciente já começa se configurando como uma réplica ao que aconteceu na consulta. E, mais, que essa réplica busca assumir um tom mais profissional do que aquele que a psicóloga usara.

Nota-se, então, no enunciado escrito, como o jovem não ignora a situação antiprofissional pela qual passou e como se coloca frente a ela. Ele escreve “*homossexualiDADE*”, enfatizando o sufixo como forma de demonstrar o que ela desconhece: o termo correto<sup>10</sup> para a palavra. Nesse recorte, o que se vê é exatamente isso, pois ele usa o verbo no imperativo afirmativo (“utilize”), invertendo, de certa forma, os papéis sociais nesse diálogo, colocando-se como “autoridade” na conversa. Isso é feito porque, embora levado pelos pais em busca de um tratamento, o jovem assume sua sexualidade, usando o pronome “*minha*” quando recusa a valoração do termo homossexualismo como “*doença*” e a acusa como “*extremamente desrespeitoso*”.

Segmento 1: Continuação do enunciado anterior:

Figura 2: “Nascemos assim”

Após o primeiro enunciado, ele continua e explica “*outro ponto*” que o levou a recusar o tratamento e salienta “*eu não escolhi ser gay*”. Aqui o paciente, em primeira pessoa, explica que, assim como ele, os outros homossexuais também não escolheram sua orientação sexual. É possível entender que o jovem está esclarecendo do que se trata a sexualidade,

---

<sup>10</sup> O termo homossexualismo denota doença e já foi abolido há 30 anos da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS), por isso o termo correto é homossexualidade para se referir as pessoas homossexuais.

independente da orientação sexual<sup>11</sup>, que ele confirma na comparação: “*assim como você não decidiu ser hetera*”. Essa comparação é o fundamento para a oposição que ele coloca: eu - gay, paciente, locutor desse diálogo - e eles - os outros gays -, que, juntos formamos o nós que se coloca não contra um você genérico, no simples contraste homo/hetero, mas nós, que “nascemos assim”, sem escolha/opção, mas contra a um você, interlocutor que não aceita uma condição/orientação. Nesses termos, estão em tensão duas visões de mundo, duas valorações sobre a sexualidade, que explicam o tom da conversa que é assumido por quem fala/escreve.

Segmento 2: Continuação:

Figura 3: “Referências comprovadas”

No segmento três, quando o paciente segue a conversa, diz: “*não possuo mais progesterona no meu corpo por ser gay, como foi citado por você na consulta*”, pode-se inferir que a psicóloga, durante a consulta presencial, remeteu à equivocada noção biológica<sup>12</sup>, relacionada à homossexualidade, de que os gays apresentam essa condição por falta de hormônio masculino e

---

<sup>11</sup> A sexualidade está baseada na atração sexual e na afetividade compartilhada entre as pessoas, sendo algo relativo e pessoal. A orientação sexual se trata da atração sentida a partir do gênero representado pelas outras pessoas, sendo os heterossexuais aqueles que se sentem atraídos pelo gênero diferente do seu e os homossexuais que se sentem atraídos pela representação de gênero igual à sua.

<sup>12</sup> O determinismo biológico surgiu no século XIX e buscava explicar através da biologia condutas consideradas indesejadas, expõe que havia um gene hereditário que explicasse a homossexualidade, já no século XX apareceram os higienistas e alienistas que entendiam comportamentos como uma lesão no cérebro. Após alguns anos de estudo a busca por explicações biológicas, patológicas, de gene e hereditariedade fracassaram, sem apresentar explicação para o comportamento humano de condutas indesejadas, ou seja, a homossexualidade (CAPONI, 2007).

excesso de hormônio feminino, a progesterona, fato já amplamente refutado pela ciência<sup>13</sup>. No entanto, ao usar esse argumento ultrapassado, pelo uso de uma palavra que remete ao campo da medicina, a psicóloga procurou em seu enunciado, uma credibilidade que é refutada pelo paciente nesse diálogo. Desse modo, ao afirmar “*Eu não sei de onde você tirou essa informação...*”, ele demonstra que o assunto não é desconhecido por ele, ainda que desafie com o pedido de que lhe sejam enviadas fontes confiáveis com essa informação. O que ele faz aqui é, então, refutar o lugar comum, que julga não poder estar sendo dito por uma profissional da saúde.

Segmento 3: Último da primeira mensagem:

Figura 4: “Ideia muito genuína”

O terceiro e último segmento do enunciado da primeira mensagem confirma o que foi afirmado na análise anterior: se apontamos uma ideia do “lugar comum”, o paciente expressa isso ao colocar “opiniões pessoais”, ou seja, destaca a falta de evidência científica na afirmação. Assim, ele conclui a conversa com a definição de que teve um atendimento psicológico não correto, modo como ele valora a palavra “genuína”. O que ele está apontando é uma postura de uma profissional não ética, uma psicóloga que pode ser descrita como uma profissional que não se coloca sob a perspectiva da ciência. Ainda assim, o que se vê é que o paciente indica que essa postura não decorre de desconhecimento visto que cursou a faculdade de Psicologia para exercer um lugar social da pessoa que é psicóloga, isto é, em um contexto como esse em que ele é levado pelos pais que são católicos, com um paciente como ele

---

<sup>13</sup> A teoria organizacional buscou através de pesquisas com roedores entender o comportamento masculino e feminino através da presença de hormônio no cérebro. Quando havia comportamento masculino é porque havia hormônios andrógenos, e no comportamento feminino seria a ausência de tal hormônio, sendo assim os pesquisadores se diziam capazes de masculinizar o cérebro de fêmeas e vice-versa através de castração, transplante de gônadas ou administração de hormônios em cobaias (WIJINGAARD, 1997).

assumidamente homossexual, o sujeito ao expressar sua visão de mundo, independe do que preconizam estudos e diretrizes de sua área. Ao dizer: “*Acredito que você saiba disso melhor do que eu*”, o paciente tem justamente a intenção de lembrar à psicóloga seu lugar social não como uma pessoa que tem uma determinada forma de valorar uma situação, mas sim como profissional.

Em seguida, como resposta, temos o enunciado da psicóloga, nos *printscreens* a seguir:

Enunciado 2: Enunciado escrito pela psicóloga em resposta ao paciente:

Figura 5: “Eu não me vendo”

No enunciado 2, temos o início da resposta da psicóloga ao paciente, que já aponta para a relação de confronto de opiniões que configura a interação iniciada na consulta e que se materializa na conversa pelo site. É por isso que vemos a referência a palavras e expressões como “manejar” ou “pegar leve”. Se todos os enunciados respondem a outros, há aqui uma resposta aos enunciados do locutor, do que ele apontou como orientação adequada para tratar pacientes homossexuais e do que ele indicou como postura inadequada (retome-se o enunciado do paciente “utilize homossexualiDADE, não homossexualismo”, “nós também não tivemos opção de escolha”) da profissional, ao mesmo tempo que há uma resposta a enunciados anteriores que colocam seu discurso sobre a homossexualidade como falso (retome-se o “genuíno, do dizer do paciente). Sentindo-se atacada, a psicóloga parte para o contra-ataque, deixando de considerar a questão da necessidade de qualquer profissional de trabalhar, ou seja, nesse caso, de “conquistar” clientes. Daí a referência à expressão “*Eu não me vendo*”. Ora, é justamente com isso que ela confirma a afirmação do paciente sobre as suas opiniões pessoais, que, nesse caso, estão acima do conhecimento necessário ao tratamento profissional e respaldado cientificamente.

## Segmento 1: Continuação:

Figura 6: “Não tenho preço, tenho valor”

Na sequência, quando a psicóloga enuncia “*eu não tenho preço, eu tenho valor!!!*”, é possível verificarmos o acento valorativo dado às palavras “preço” e “valor”. Aqui, ela expõe que não nenhum valor monetário pagará pelo tratamento à homossexuais que não seja conforme seus valores, ou seja, sua ideologia e sua visão de mundo. Por outro lado, ao afirmar que tem “valor”, faz alusão ao conjunto de características de uma pessoa que determina a forma como ela se comporta e de como interage com os outros. Nesse caso, o que ela está dizendo é que se considera melhor do que o paciente, porque seus princípios morais são os corretos, reforçando a sua visão de que homossexuais não apresentam uma conduta aceitável para a convivência em sociedade. Veremos como isso se dá na continuação do diálogo.

## Segmento 2: Continuação da resposta, na réplica da réplica:

Figura 7: “Você merecia a sarjeta”

Neste enunciado, a psicóloga responde de forma agressiva ao que o paciente lhe dissera quando refutou sua afirmação quanto ao comportamento dos pais. Ao usar a palavra “*sarjeta*” para caracterizar o modo como ele trata os pais, denota o tom depreciativo como a psicóloga trata o paciente. Se o que foi dito pelo jovem sobre os pais não caracteriza um comportamento condenável (leia-se o enunciado do paciente “Eu nunca disse que não são atenciosos. Uma coisa não anula a outra. Ser atencioso não significa diretamente que eles deixam de ser preconceituosos”), a profissional, ao fazer uma afirmação tão dura, deixa margem para que se possa compreender esse enunciado como

uma resposta ao que ele vem dizendo a respeito dela mesma. “Sarjeta”, no sentido figurado, designa uma condição de decadência e humilhação, o que merece, segundo ela, aquele que se opõe à ideia da homossexualidade como doença e que apresenta argumentos para defender seu ponto de vista. É preciso, então, destacar a relação dialógica de confronto entre modos de valorar a homossexualidade.

Na continuação, a profissional acusa-o de rebelde sem causa e em seguida reforça mais uma vez que não se venderá por dinheiro, dizendo, na sequência, que pessoas como ele morrem sozinhas. E acaba por mandá-lo procurar um psiquiatra para tratar o estresse, ao mesmo tempo em que questiona sua não aceitação do tratamento proposto por ela.

### Segmento 3: Continuação

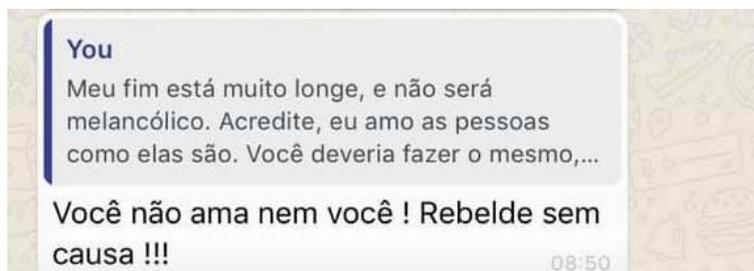


Figura 8: “Rebelde sem causa”

Na continuação, a profissional acusa-o de rebelde sem causa e em seguida reforça mais uma vez que não se venderá por dinheiro, dizendo, na sequência, que pessoas como ele morrem sozinhas. E acaba por mandá-lo procurar um psiquiatra para tratar o estresse, ao mesmo tempo em que questiona sua não aceitação do tratamento proposto por ela.

Ao dizer “*você não ama nem você !*” a psicóloga acusa o paciente de não ter amor próprio, somado à expressão “*rebelde sem causa !!!*” posiciona-se de forma infantil frente ao paciente, já que o termo é empregado para dar sentido ao comportamento de adolescentes que estão em conflito e reivindicam por serem ouvidos. O estudo realizado por Wagner *et. al* (2002) revela que o ideal é que haja diálogo e compreensão dos pais com o filho, rotular de rebelde sem causa demonstra uma forma de enfrentar o problema não muito resolutiva, visto que delibera ainda mais imposição e autoritarismo da parte dos pais. A psicóloga ao acusar o paciente de rebelde está demonstrando um certo descontrole e imposição marcado pelo uso repetitivo de acentos de exclamação, como se vê no final do segmento 3 “*rebelde sem causa !!!*”

#### Segmento 4: Réplica da psicóloga.

Figura 9: “Muito mente fechada”

Na figura 9, segmento 4 ao dizer *“muito mente fechada a sua hein!?”*, a psicóloga usa de uma entoação irônica para, de forma incoerente, buscar constranger o paciente por recusar o tratamento proposto, afirmando que *“não aceitar a terapia é coisa de gente preconceituosa”* para tentar comparar (ou mesmo inverter) o que foi destacado por ele para recusar o tratamento. Desse modo, não seria ela ou o seu tratamento que seria discriminatório, mas a sua recusa a um tratamento psicológico. Mais uma vez, ela apela ao senso comum ao procurar fazer isso, dado que muitos consideram esse tipo de terapia como “coisa de louco”, e continua nessa mesma direção quando afirma: *“Estudante de publicidade ! Eu hein !?”*. Nessa inflexão também irônica, o que ela está valorando é a profissão do paciente, tida como escolhida por pessoas criativas, ou seja, que justamente trabalham com aquilo que não é comum. Daí o tom irônico do enunciado, com o qual ela continua a desmerecer o jovem.

No segmento 4 da figura 9, ela diz ao estudante de publicidade que outros profissionais irão se vender, *“tão incríveis que irão receber pelo tratamento, ou seja, vão se vender !”*. Nesse enunciado, a psicóloga desvaloriza a sua própria profissão, visto que destaca haver outros profissionais que propõem um tratamento de acordo com o preconizado pelo CFP, isto é, psicólogos que aceitarão ser pagos para exercer o que está de acordo com as normas no Conselho e não com seus valores pessoais. Para ela, portanto, sua opinião está acima da conduta profissional, única que pode ser paga.

Em seguida o paciente a responde, como veremos no próximo enunciado.

Enunciado 3: Resposta final do paciente:

Figura 10: “Você mexeu com o viado errado”

No enunciado 3 e último da primeira análise, temos a resposta do paciente que se mostra decidido a denunciar a profissional. Aqui, então, conseguimos identificar a possibilidade de transformação no projeto enunciativo do locutor. O que ele procura é uma conversa de recusa ao tratamento e das motivações para isso, mas que, dado tom assumido pela psicóloga, quase se transforma em uma discussão, o que é recusado com a ameaça de denúncia ao CRP. Desse modo, o que era um diálogo pode se transformar em denúncia.

No enunciado *“Rose, eu não vou discutir com você.”*, o paciente demonstra que não vale a pena seguir a discussão, pois ele não espera mais uma postura profissional da psicóloga, o que é reforçado pelo enunciado *“eu acredito que você não tenha noção do que está escrevendo.”*

É por isso que ele encerra a conversa dizendo *“não se preocupe, vamos ver o que o Conselho Federal de Psicologia pensa disso”*. Aqui é possível observar que o rapaz usa de um entonação sarcástica ao dizer *“não se preocupe”*, mesmo que seu enunciado realize uma ameaça quando diz *“vamos ver o que o Conselho Federal de Psicologia pensa disso”*. O pronome demonstrativo *“disso”*, retoma a postura da profissional durante o diálogo, o paciente ao dizer *“pensa disso”* está indicando que irá denunciá-la e mais que isso, atribui um sentido de desafio pois sabe que o CFP não concordará com a

postura adotada por ela.

No final, ao completar com “*Você mexeu com o viado errado*”, ironia e ameaça se mesclam, pois ele não está no lugar social de ser um homossexual a se deixar humilhar e discriminar sem reação. Importante destacar o acento valorativo dado à palavra viado, muitas vezes usada de forma pejorativa para ofender homossexuais. No contexto do enunciado, o sujeito que é assumidamente homossexual, se apropria do “xingamento” viado atribuindo um sentido reverso do que é esperado pelo senso comum em relação aos homossexuais atribuindo resistência e luta ao que era para ser uma ofensa. Ao dizer “viado” o paciente está afirmando uma identidade e revertendo o sentido atribuído à palavra, uma nova valoração é dada.

### 3.4 DESCRIÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Para contextualizar nossa segunda análise, faremos uma breve retomada do caso a partir do qual constituímos nosso corpus. Em janeiro de 2020, foi feita uma publicação no grupo LGBTQ+ Lana del Rey Vevo (LDRV), na qual uma participante relatou o que aconteceu em uma consulta psicológica.

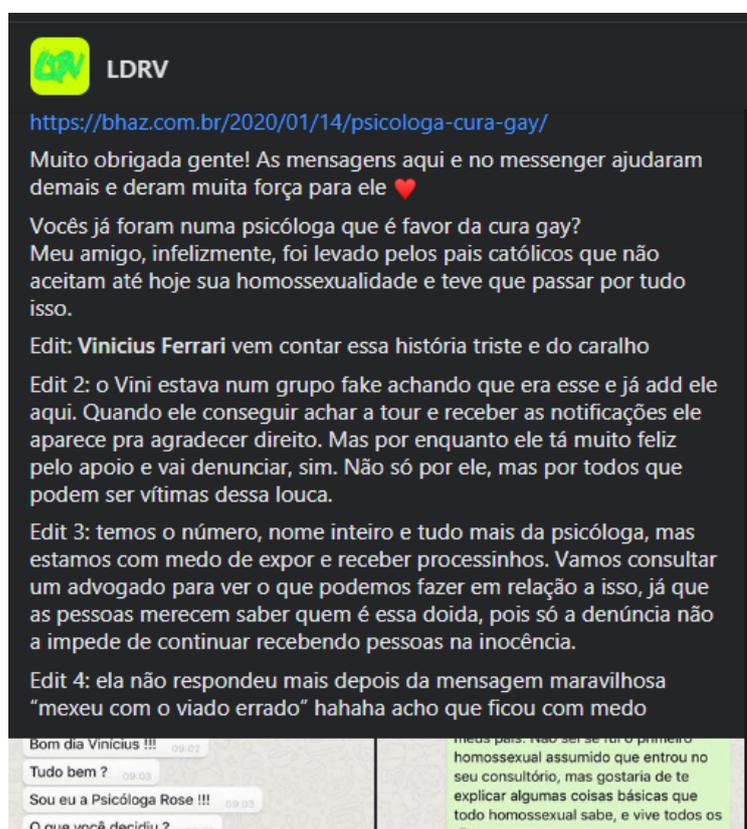


Figura 11: Publicação no Facebook

Na publicação, a autora questiona: *“Vocês já foram numa psicóloga que é a favor da cura gay? Meu amigo, infelizmente, foi levado pelos pais católicos que não aceitam até hoje sua homossexualidade e teve que passar por tudo isso”* acrescentado dos doze *printscreens* do diálogo de *WhatsApp*.

Cinco minutos após a repercussão no grupo, a responsável pela publicação faz o primeiro edite, acrescentando: *“Vinicius Ferrari vem contar essa história triste e do caralho”*. No segundo edite, ela explica por que o amigo não está se pronunciando sobre o caso e coloca que *“o Vini estava num grupo fake achando que era esse e já add ele aqui. Quando ele conseguir achar a tour e receber as notificações ele aparece pra agradecer direito. Mas por enquanto ele tá muito feliz pelo apoio e vai denunciar, sim. Não só por ele, mas por todos que podem ser vítimas dessa louca”*.

Com o decorrer das interações, há um terceiro edite em que ela cogita a ideia de denunciar, expondo o que aconteceu com seu amigo na consulta psicológica e no diálogo de *WhatsApp*. Entretanto, com o receio de ambos de serem processados pela profissional, decidem fazer uma consulta jurídica antes de dar continuidade à denúncia. Assim, ela acrescenta um terceiro edite à publicação: *“temos o número, nome inteiro e tudo mais da psicóloga, mas estamos com medo de expor e receber processinhos. Vamos consultar um advogado para ver o que podemos fazer em relação a isso, já que as pessoas merecem saber quem é essa doida, pois só a denúncia não a impede de continuar recebendo pessoas na inocência.”*

No quarto edite, ela coloca que *“ela [a psicóloga] não respondeu mais depois da mensagem maravilhosa ‘mexeu com o viado errado’ hahaha acho que ficou com medo”* e adiciona um quinto edite dizendo que o caso se tornou público seguido de link da reportagem da entrevista com o paciente. *“Edit importanteeeeee: Vini deu entrevista sobre o caso e saiu matéria! (Link: [https://bhaz.com.br/2020/01/14/psicologacuragay/?fbclid=IwAR0J48rbQykyzMQw4Ddt5Ys6quNKNiV9qYqGBI1kKUI37pL5z9LK\\_vSgpE](https://bhaz.com.br/2020/01/14/psicologacuragay/?fbclid=IwAR0J48rbQykyzMQw4Ddt5Ys6quNKNiV9qYqGBI1kKUI37pL5z9LK_vSgpE)) Muito obrigada gente! As mensagens aqui e no Messenger ajudaram demais e deram muita força pra ele <3”*

Nossa segunda análise se centrará na publicação original, as descrições acima apresentadas dos quatro editos, revelam o desfecho da história. Nas

palavras de Bakhtin (2017, p.247), temos que “problematizar o fenômeno de transmissão do discurso alheio em uma perspectiva sociológica”, pois é justamente na orientação sociológica que há o rigor metodológico para exemplificar e indicar a perspectiva do problema.

### 3.5 ANÁLISE 2: PUBLICAÇÃO NO FACEBOOK

Enunciado 4: Publicação no Facebook.

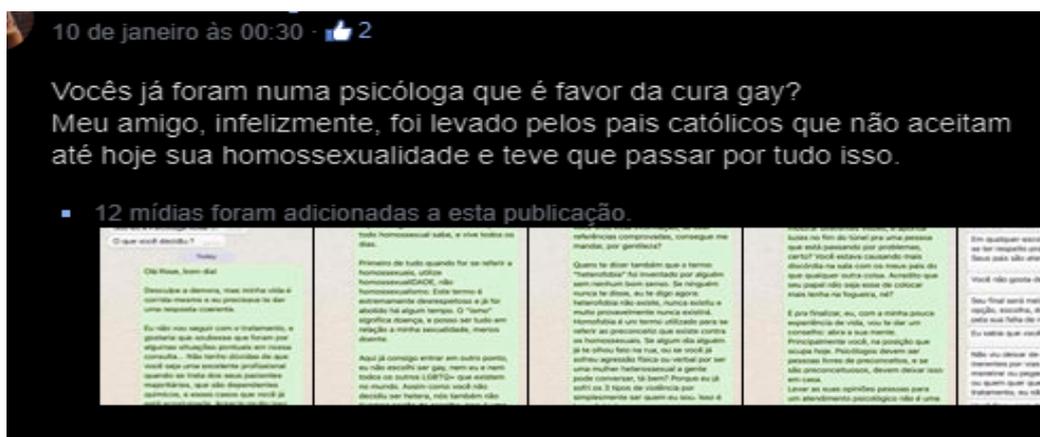


Figura 12: “Tudo isso”

“Vocês já foram numa psicóloga que é favor da cura gay? Meu amigo, infelizmente, foi levado pelos pais católicos que não aceitam até hoje sua homossexualidade e teve que passar por tudo isso.”

O enunciado (publicação) começa com um questionamento, os termos psicóloga e cura gay estão destacados por serem considerados palavras-chave para a análise. Podemos observar a sequência histórica presente dos termos “psicóloga” e “cura gay”, cura gay está associado a algum tipo de punição, ou seja, está atrelado ao discurso jurídico e científico que também estão frequentemente associados da concepção religiosa. Como vimos no primeiro capítulo “Vem contar essa história triste”: Uma breve contextualização”, há uma vestimenta jurídica nos argumentos do movimento da terapia de conversão que dissimula os direitos individuais, pregando desconstrução da liberdade individual, o Direito permite a sustentação científica para essas práticas, ainda que as mesmas já tenham sido refutadas.

A seguir temos o advérbio “infelizmente”, que está entre vírgulas e indica uma lamentação daquilo que vai ser dito, além disso demonstra a posição

ideológica da própria autora da publicação, que através do advérbio dá a valoração ao enunciado, revelando sua posição acerca da homossexualidade. Na sequência os “pais católicos” entram em destaque.

A autora ao ressaltar a religião dos pais da vítima dá margem à interpretação de que cabe à família orientar seu filho acerca da heterossexualidade. De acordo com Garcia; Mattos (2019):

Ainda como tendência geral, independentemente das correntes teóricas, o contexto familiar é tido como principal vilão nesse processo de desenvolvimento das homossexualidades, uma vez que caberia à família a função do direcionamento heterossexual dos (as) filhos (as)” (GARCIA; MATTOS, 2019, p. 54).

Nesse sentido, os psicólogos não podem curar algo que não é doença, trata-se de técnicas que os profissionais dispõem para tratar algo que traz sofrimento ao paciente, a cura se dá naquilo que lhe angustia sendo resolvido e compreendido. Desse modo a homossexualidade não pode ser curada, a relação estabelecida entre terapeuta e paciente está em conhecer e ajustar aspectos da personalidade, que por vezes podem vir a referir sobre sua sexualidade.

Em seguida temos o advérbio de tempo “até hoje”, o “até” expressa um limite posterior de tempo, entretanto combinado com “hoje” revela o presente, ou seja neste momento. A expressão indica que já é passada da hora da família do paciente aceitar sua homossexualidade. E por último, “tudo isso”.

O pronome indefinido “tudo” mais o pronome demonstrativo “isso” encerram o enunciado denunciando a psicóloga aos membros do grupo, a autora deixou, através de *printsscreens*, o diálogo entre a psicóloga e o paciente.

### **3.6. INTERPRETAÇÃO ANÁLISES 1 E 2**

A terceira etapa da metodologia é a interpretação do *corpus*, ou seja, a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016) para isso serão retomadas algumas observações das etapas anteriores e algumas reflexões sobre os sentidos advindos dos enunciados analisados.

Como vimos no primeiro capítulo, a homossexualidade é uma questão presente em diversos momentos da história da sociedade. Sendo em meados

do século XIX, as relações homoafetivas passaram a serem vistas como um comportamento errôneo. A chegada da Igreja ao poder reforçou esse entendimento, juntamente com a classe médica que passou a olhar comportamentos homoafetivos como algo patológico.

Os discursos analisados nos enunciados concretos, circulam por diferentes esferas da comunicação discursiva, o que pressupõe diferentes interlocutores.

Neste sentido, encontramos três posições sociais nos enunciados analisados, sendo essas: 1. A psicóloga, (deveria) desempenhar o papel social de atender pacientes com problemas psicológicos, o que envolve questões pessoais íntimas, como por exemplo conflitos internos, conflitos com os pais, ansiedade, entre outros sentimentos. Esperava-se que a psicóloga cumprisse o seu papel de modo a ajudar o paciente a encontrar resolução para seus problemas pessoais; 2. O paciente, um jovem assumidamente homossexual que busca resolver seus conflitos pessoais de modo efetivo, ou seja, com apoio psicológico; 3. A amiga, ao exercer o papel de amiga, buscou em um local seguro (o grupo LDRV) consolar o amigo de modo que ele veja que não está sozinho nessa causa.

Essas três posições encontradas foram interpretadas a partir de seus enunciados efetivamente produzidos, como espera-se o paciente e a amiga estão de acordo com suas visões de mundo sobre a homossexualidade, já a psicóloga diverge de ambos e traz uma posição surpreendente, de forma negativa, enquanto profissional.

Além disso a forma como a profissional valora a homossexualidade diverge até mesmo do CFP, conselho que a rege. Durante o diálogo é possível interpretar que a psicóloga nega as afirmações do paciente, que a acusa de trazer opiniões pessoais para dentro do atendimento psicológico. É possível ainda verificar que a psicóloga pensa que a proposta de reversão da homossexualidade é profissional, agindo não profissionalmente como se fosse profissional, o que nos indica a convicção que ela tem sobre a homossexualidade.

Verifica-se logo no primeiro momento que a forma do diálogo entre paciente e psicóloga não se trata de uma conversa saudável, o paciente durante todo o diálogo busca uma conversa esclarecedora e pontual,

observamos isso através dos recursos gramaticais escolhidos e pela marcas linguísticas no discurso do paciente, que sempre usou de uma linguagem formal e correta para tratar a profissional. Todavia, não teve uma postura recíproca da profissional, que durante o diálogo usou de expressões preconceituosas, além de julgar e criticar o paciente, ao invés de ter um comportamento de acordo com sua posição social, a psicóloga tentou intimidar, utilizou de respostas agressivas e o tratou de forma depreciativa. Além disso, notamos que a forma composicional e os recursos estilísticos escolhidos como os vários pontos de exclamação (!!!) ou exclamação e interrogação juntos (!?), além da linguagem pejorativa e irônica, essas escolhas denotam que está a fim de realçar o que está dizendo e chamar atenção para o tom e a intenção do enunciado.

A psicóloga não segue as normativas estabelecidas pelo conselho que rege sua profissão e ainda desvaloriza os colegas de profissão que seguem, o diálogo acontece para dar resposta da continuidade do tratamento, mas transforma-se em denúncia quando o paciente percebe que não há diálogo com a profissional, que não cessa de atacá-lo.

Ao interpretar as posições sociais ocupadas pelos três enunciatários, é imprescindível levar em conta o contexto extraverbal, para entender os acentos valorativos dados aos enunciados examinados e a intenção dos locutores, por isso é necessário remontar a formação histórica que perpassa determinada valoração, neste caso sobre a homossexualidade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos *printscreens* do diálogo de *WhatsApp* entre psicóloga e paciente e da publicação feita no *Facebook*, este trabalho permitiu examinarmos o diálogo de *WhatsApp* e como o projeto enunciativo se transformou em denúncia sobre o tratamento de reversão da homossexualidade. O que era de início uma resposta acerca da continuidade do tratamento com a psicóloga, um diálogo, transformou-se em denúncia sobre o tratamento de reversão da homossexualidade.

Como vimos no capítulo “*Vem contar essa histórica triste*”: uma breve contextualização, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a sociedade passou a questionar os valores éticos e morais pregados pela Igreja, que por sua vez atuava de modo repressivo frente aqueles sujeitos que não atendiam ao comportamento considerado certo pela Igreja, isto é, repudiavam aquele que manifestava sua sexualidade diferente da heterossexualidade (CAHILL, 1999).

O acento valorativo da psicóloga quando se deparou com a homossexualidade de seu paciente (assumidamente gay), remonta através da materialidade histórica na língua, o discurso pregado pela Igreja, como vimos nas Cartas Encíclicas *Persona* (1968) *Humana* e *Humanae Vitae* (1975), a qual a Igreja considerava a homoafetividade uma ameaça por ser uma corrupção aos costumes e por isso deveria ser estudada cuidadosamente, daí a herança do discurso médico (quando o paciente precisa explicar o sufixos -ismo e -dade para a psicóloga), que se aliou a visão de que a homossexualidade é um comportamento desordenado, e portanto, uma doença que deve ter cura.

Entretanto, o paciente ao contestar a valoração dada pela psicóloga, traz em seu discurso o acento valorativo de que a homossexualidade é um comportamento tão normal quando a heterossexualidade, o que vai ao encontro ao que Sigmund Freud, médico neurologista e pai da Psicologia Social Contemporânea, a psicanálise, explicou em carta a qual uma mãe pede ajuda ao seu filho que tem comportamento desordenado, Freud responde da seguinte maneira

Eu creio compreender após ler sua carta que seu filho é homossexual. Eu fiquei muito surpreso pelo fato que a senhora não mencionou esse termo nas informações que deu sobre ele. Posso eu,

vos perguntar por que evitou esta palavra? A homossexualidade não é evidentemente uma vantagem, mas não há nada do que sentir vergonha. Ela não é nem um vício, nem uma desonra e não poderíamos qualificá-la de doença. (...) Muitos indivíduos altamente respeitáveis, nos tempos antigos e modernos foram homossexuais (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como crime e também uma crueldade. (Freud, 1935/1967, p.43).

Vejamos que ambos os discursos (paciente e psicóloga) são valorados a partir de validações históricas, o discurso da amiga também traz uma inferência relevante, quando ela em seu discurso avisa que os pais do amigo, no caso do paciente, são católicos. O fato de os pais serem católicos muda a perspectiva do interlocutor, que já tem um aviso de como os pais do paciente valoram a homossexualidade.

O discurso homofóbico ainda está presente em muitas esferas da vida cotidiana, atualmente existem aproximadamente 80 países que ainda condenam a homossexualidade, em termos de Brasil, embora haja criminalização da homofobia, com pena de 1 a 5 anos de prisão, sendo enquadrada na Lei de Racismo (7716/89) que prevê crimes de discriminação ou preconceito como raça, cor, etnia, religião.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Direito de Família<sup>14</sup> (IBDFAM), houve uma queda de 28% nas mortes de pessoas em virtude de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Esse número foi maior em 2017, quando houve 445 mortes, desde então houve um declínio considerável, seguido de 2018 com 420, 2019 com 329 e 2020 com 237 mortes (IBDFAM, 2021).

Embora tenha acontecido um declínio nas mortes por homofobia, ainda há muitas atitudes (além da agressão física) que são homofóbicas e não estão nas estatísticas, o diálogo analisado no presente trabalho é um desses casos, por isso as redes sociais podem contribuir em denúncias como essa.

Nas redes sociais (lugar de onde foi retirado nosso *corpus* de análise), cada sujeito tem sua função e identidade cultural e sua relação com outros sujeitos, que vai formando um todo que representa a rede (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHARA, 2005, p. 93).

---

<sup>14</sup> Acesso em 20 de Janeiro de 2022, disponível <<https://ibdfam.org.br/noticias/8488/Dia+Internacional+contra+a+Homofobia%3A+Brasil+registrou+237+mortes+violentas+de+LGBTI+em+2020>>

Como vimos no subcapítulo 3.1 Contextualizando as redes sociais, cada rede social tem suas ambiências, ou seja, são estruturadas de jeitos diferentes o que determina as formas de interação (BOYD, 2011).

Dessa forma, as funções das redes são diferentes, sendo o *Facebook* algo que vai além do diálogo, permite buscar por qualquer conteúdo que o usuário tenha afinidade, já o *WhatsApp* é uma forma de diálogo mais intimista, ainda que não seja presencial. As redes são usadas de acordo com a intenção de quem a usa.

Por isso, ao analisarmos a publicação no grupo privado, constatamos que o projeto de dizer da amiga era uma busca de apoio e comoção dos integrantes do grupo a qual a mesma pertence, com a finalidade de fortalecer a ideia da denúncia, já que se tratava de um grupo majoritariamente de LGBTQ+.

Através da materialidade da língua é possível enxergar um (re)posicionamento do paciente, que estabelece novos sentidos acerca da homossexualidade, assim como revela a postura antiprofissional da psicóloga frente ao paciente homossexual, que mesmo buscando ajuda profissional para melhorar a relação com os pais encontra preconceito e aversão.

Além disso, é possível entender a herança do discurso médico frente a homossexualidade, os significados dos sufixos *-ismo* e *-dade* mostrou como a palavra interfere diretamente na vida dos sujeitos, por isso trazer e conhecer a história é determinante para uma análise dialógica do discurso efetiva.

Somente através de razões históricas é que temos precedentes para melhor interpretar acentos valorativos presentes em discursos como o da psicóloga, que como vimos no primeiro capítulo, vai ao encontro a posição do atual presidente Jair Bolsonaro e em contradição aos órgãos regulamentadores de sua profissão.

Nesse sentido, a utilização de recursos digitais e redes sociais têm se mostrado ir além do seu objetivo central – conectar pessoas de interesses ou valores comuns – e mostra-se trabalhar na contramão dos crimes praticados, dando acesso e aparelhamento para denúncias, divulgação e até exposição dos sujeitos envolvidos nesses encontros/diálogos virtuais.

Contudo, esse trabalho auxiliou na ampliação da discussão acerca da temática de análise do discurso pela perspectiva Bakhtiniana de linguagem, além de instigar e contribuir em próximos trabalhos e discussões -inesgotáveis

- que abordem a materialidade da língua como fonte de denúncia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA PEREIRA, R. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. *Letrônica*, v. 06, p. 494-520, 2013. Disponível

em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/15020/11137>.

ALVES M. P. C. O enunciado concreto como unidade de análise: a perspectiva metodológica bakhtiniana. In: Estudos dialógicos da linguagem em pesquisas em Linguística Aplicada. São Carlos - SP: Pedro & João; 2019.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra Ed.: São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. Tradução: Paulo Bezerra 1ª Ed.: São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Tradução: Paulo Bezerra 1ª Ed.: São Paulo, 2017.

BARROS, D. L. P. De. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, jan/abr. 2016. Acesso em 23 de dezembro de 2021. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151/13239>

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In Papacharissi, Z. A networked self: identity, community and culture on social network sites. New York: Routledge, 2011.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p. 9-33.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: Texto ou discurso?. São Paulo: Contexto; 2012.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. Gragoatá, 2006.

\_\_\_\_\_. Estilo. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p. 79-102.

CAPONI, Sandra. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online] v. 17, n. 2, pp. 343-352, 2007.

CARDOSO, D. A dialética nos escritos do círculo de Bakhtin. *Letrônica*, p. s30-s46, 2016. Acesso em 01/11/2021, disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22382>

CEGALLA, Paschoal Domingos. Novíssima gramática da língua portuguesa. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 14.ª ed., 1976. p.61-62.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p. 201-220.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. ALCEU, v. 14, n. 28, p. 168-187. 2014. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>. Acesso em: 02/11/2021.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. In: Revista Práticas de Linguagem. v. 4, n. 2, p. 161-198. 2014. Disponível em < <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/09/160-198-Evolu%C3%A7%C3%A3o-dos-estudos-lingu%C3%ADsticos.pdf>> Acesso em março de 2021.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo, 2009.

FARACO. *Linguagem & diálogo*: as idéias do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Introdução à linguística da enunciação. Ed.: São Paulo : Contexto 2010.

FREUD, S. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII (ed. or.: 1920)

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VII (ed. or.: 1905)

\_\_\_\_\_. Lettre de Freud à Mrs N. N...: Correspondance de Freud 1873-1939. Paris: Gallimard. (Originalmente publicado em 1935)

GARCIA, Marcos Roberto Vieira e Mattos, Amanda ROCHA. “Terapias de Conversão”: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. Psicologia: Ciência e Profissão [online] v. 39, n. spe3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228550>. Acesso em nov 2021.

GIANASTÁCIO, Vanderlei. Sufixo -ismo, ou -mós? A contradição existente entre a gramática grega e a portuguesa a respeito da origem do sufixo -ismo, e uma análise da sua produtividade nos dias hodiernos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 133-141, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO17/50/completo.pdf>. Acesso em jan 2022.

GRILLO, S. V de; Esfera e Campo. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p. 9-33.

MACHADO, I; Gêneros Discursivos. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 151-166.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

MESQUITA, D. T; PERUCCHI, J. NÃO APENAS EM NOME DE DEUS: DISCURSOS RELIGIOSOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE. **Psicologia & Sociedade**, 28(1), 105-114, 2016. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n1/1807-0310-psoc-28-01-00105.pdf>> Acesso em março 2021.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 167-176.

PAULO VI. Carta Encíclica Humanae Vitae, 1968. Disponível em [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html). Acesso em out 2020.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica Persona Humana, 1975. Disponível em [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19751229\\_persona-humana\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html). Acesso em out 2020.

PEREIRA, R., & RODRIGUES, R. Os Gêneros Do Discurso Sob Perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Letras*, 0(40), 147–162. 2010. Disponível em <https://doi.org/10.5902/2176148512149>. Acesso em out 2020.

PEREIRA, Rodrigo A. e R., HAMMES, Rosângela. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso* [online], v. 14, n. 1], pp. 177-194. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322014000100011> . Acesso em out 2021.

PRETES, Érika Aparecida & VIANNA, Túlio. 2008. "História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo". In: LOBATO, Wolney; SABINO, Cláudia & ABREU, João Francisco (orgs.). *Iniciação Científica: destaques 2007 Vol. I*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas. p. 313-392.

RODRIGUES, S. Igreja Católica Romana e a Homossexualidade: Visão Mora Sexual Católica a partir da Análise de Documentos Oficiais. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 124-140, 2018. Disponível em < <https://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2019/03/9.-Silvia-Rodrigues.pdf>> Acesso em março 2021.

SANDMANN, Antônio José. A Expressão da Pejoratividade. *Revista Letras*, Curitiba, v. 38, p. 67-82, 1989. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/issue/view/1064> . Acesso em: 14/01/2022.

SILVEIRA, R. M. C. F; BAZZO, W, A. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: Transformando a relação do ser humano com o mundo. **Revista Gestão Industrial**. V. 2, n. 2, 2006. Disponível em

<https://periodicos.utfpr.edu.br/revistagi/article/view/115> Acesso em março 2021.

SOBRAL, Adail. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos Nonada: Letras em Revista. Laureate International Universities. Vol. 2, núm. 15, pp. 9-29. Porto Alegre, Brasil. 2010. Disponível em <<https://docplayer.com.br/13210175-Texto-discurso-genero-alguns-elementos-teoricos-e-praticos.html>> Acesso em 18/01/2022.

SOBRAL, Adail e GIACOMELLI, Karina. Das Significações Na Língua Ao Sentido Na Linguagem: Parâmetros para uma Análise Dialógica. Linguagem em (Dis)curso [online] v. 18, n. 02, pp. 307-322, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180203-9317> Acesso em out 2021.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didática sobre a análise dialógica do discurso – ADD. Ed.: Domínios da Linguagem, Uberlândia, 2016. Acesso em 27 de Outubro de 2020, disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006/18770>>

\_\_\_\_\_ ; Gêneros, entre o texto e o discurso : questões conceituais e metodológicas / Sweder Souza, Adail Sobral (organizadores). -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016.

STELLA, P. R; Palavra. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 177-190.

Tomaél, Maria Inês, Alcará, Adriana Rosecler e Di Chiara, Ivone Guerreiro Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação** [online]. 2005, v. 34, n. 2 [Acessado 26 Janeiro 2022] , pp. 93-104. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ci/a/WTMRGVXjNdLNLdWGBD5HTXb/abstract/?lang=pt#>>

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza , v. 9, n. 2, p. 487-525, jun. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 jan. 2022.

VILELA, Mário. Estudos de lexicologia do português. Coimbra: Livraria Almedia, 1994.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, 1ª Ed.: São Paulo, 2017.

Wagner, Adriana et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. Psicologia em Estudo [online]. 2002, v. 7, n. 1 [Acessado 18 Janeiro 2022] , pp. 75-80. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/4kFxyB39zhMkgZKq4wg8jLQ/abstract/?lang=pt#>>

WIJINGAARD, M. Reiventing the Sexes: the biomedical construction of femininity and masculinity. Bloomington Indianapolis: Indiana Univ. Press, 1997.

## SITES

A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL. Direção de Meteoro Brasil. [S.l.], 2019. (10 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=T6qqj2ovxzM&ab\\_channel=MeteoroBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=T6qqj2ovxzM&ab_channel=MeteoroBrasil)> Acesso em: 28 out. 2020.

BRASÍLIA. LARISSA BORTONI. Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo. 2018. Rádio Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo> Acesso em: 28 out. 2020.

CATRACA LIVRE. 'Sou homofóbico, sim, com muito orgulho', diz Bolsonaro em vídeo. 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/> Acesso em: 28 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIRETO DE FAMÍLIA. Dia Internacional contra a Homofobia: Brasil registrou 237 mortes violentas de LGBTI em 2020. Disponível em <https://ibdfam.org.br/noticias/8488/Dia+Internacional+contra+a+Homofobia%3A+Brasil+registrou+237+mortes+violentas+de+LGBTI+em+2020> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

RENATO MENEZELLO. Poe na Roda. Está definitivamente proibido o tratamento da cura gay | Direitos LGBT. 2020. Disponível em: [https://poenaroda.com.br/diversidade/esta-definitivamente-proibido-o-tratamento-da-cura-gay-direitos-lgbt/?fbclid=IwAR0AyfpWwnYghWrlkFSnQZEB5mcOTBr4GVT\\_P-AWb7hLOWDXz02PWJT6McU](https://poenaroda.com.br/diversidade/esta-definitivamente-proibido-o-tratamento-da-cura-gay-direitos-lgbt/?fbclid=IwAR0AyfpWwnYghWrlkFSnQZEB5mcOTBr4GVT_P-AWb7hLOWDXz02PWJT6McU) Acesso em: 28 out. 2020.

VITOR FERNANDES. Bhaz: Psicóloga insinua 'cura gay' e ofende paciente em consulta: 'Merecia a sarjeta, seu final será melancólico', 2020. Facebook: @portalbhz. Disponível em: <https://www.facebook.com/portalbhz/> Acesso em: 28 out. 2020.